J. P. PEIXOTO • J. V. GONÇALVES • A. A. MARQUES DE ALMEIDA • J. T. OLIVEIRA • J. P. OSÓRIO • R. CARVALHO • L. ALBUQUERQUE • R. RODRIGUES J. V. GOMES FERREIRA • F. D. SANTOS • A. J. ANDRADE DE GOUVEIA • A. M. AMORIM DA COSTA • B. J. HEROLD • JOÃO L. L. C. OLIVEIRA CABRAL • J. A. LEITÃO • N. GRANDE • J. C. DA COSTA • A. RODRIGUES • A. TORRES PEREIRA • B. FERNANDES • J. M. GIÃO T. RICO • MILLER GUERRA • M. PORTUGAL V. FERREIRA • J. M. COTELO NEIVA • A. RIBEIRO • M. TELLES ANTUNES F. C. GUERRA • A. CORREIA ALVES • F. CASTELO-BRANCO • A. FERNANDES A. R. PINTO DA SILVA • C. M. L. BAETA NEVES • A. X. CUNHA • A. C. QUINTELA SUZANNE DAVEAU • ORLANDO RIBEIRO • J. E. MENDES FERRÃO • ILÍDIO AMARAL • O. TEOTÓNIO DE ALMEIDA • F. GUERRA • ALLEN G. DEBUS WILLIAM R. SHEA • A. IRIA • F. R. DIAS AGUDO • M. JACINTO NUNES

# HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL

II VOLUME

ACADEMIA SCIENT LUSITANA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

LISBOA • 1986

PIRES DE LIMA, A. & SANTOS JÚNIOR, J. R., «Cartas inéditas de e para Brotero», *Anu. Soc. Brot.*, **10**: 12-96 (1944).

SILVA, Innocencio F. da, «José Francisco Corrêa da Serra», *Diccionario bibliographico portuguez*, **4**: 336-341 e **12**: 332-333 (1860).

SILVA, P. J. da, «Elogio histórico e notícia completa de Thomé Pires», *Gazeta de Pharmácia* n.os 7 e 8 (1866).

——, «Idem», in *Bibliographia Farmaceutica dos Serviços de Bibliographia Cientifica do Instituto Pasteur de Lisboa.* **1**: 2-52 (1952).

SIMÕES DE CARVALHO, J. A., *Memoria historica da Faculdade de Philosophia.* Coimbra (1872).

STAFLEU, F. A. & COWAN, R. S., *Taxonomic literature*, **1**: 513-515. Utrecht (1976).

TAVARES, C. N., «A Botânica nos Colóquios de Garcia de Orta», *Garcia de Orta* **11** (4): 677-694 (1963).

——, *Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa.* Porto (1967)

VENTURA, Augusta G., *Clúsio — Portugal e os portugueses na suas obras*, Coimbra (1933).

WALTER, J., «Simão Álvares e o seu rol das drogas da Índia», *Studia*, **10**: 124-134 (1962).

——, «Bibliografia principal», *Garcia de Orta*, **11** (4): 857-873 (1963).

——, *Tratado das drogas medicinais das Índias Orientais por Cristóvão da Costa, no qual se verifica muito do que escreveu o Doutor Garcia de Orta. Versão portuguesa com introdução e notas.* Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar (1964).

# A FLORA NO *VOYAGE EN PORTUGAL* DE LINK

A. R. PINTO DA SILVA*

## SUMMARY

### THE DATA ON THE PORTUGUESE FLORA IN LINK'S *VOYAGE EN PORTUGAL*

Till now only sporadic references were made to the floristic information in Link's *Voyage en Portugal*, the French translation of the German description of the excursions by Count of Hoffmansegg and Professor Heinrich Friedrich Link during the years 1798 to 1800. Although not being intended as a botanical book the *Voyage* contains considerable amount of information on the Portuguese flora.

In this paper an alphabetical relation is given of the correct names of about 140 plants wild or introduced mentioned in the *Voyage* by a scientific name, or by French or, and, Portuguese vernacular names; these are given as synonyms, followed by bibliographic references, as well as by the citation of the localities from where the species is mentioned. A comment is usually given for each case. The following conclusions were taken (see the Portuguese summary for the names of taxa):

1. Nothing was found of effective nomenclatural interest, but only data which may be of historical value concerning the establishment of a few taxa.
2. Proofs were found that some taxa mentioned as wild are indeed wild plants of the Portuguese flora, although this fact was afterwards contested or even dennied.
3. Some species are mentioned for the first time as belonging to the Portuguese flora, nevertheless they were not later cited by Brotero.
4. Some taxa are mis-identified or mis-interpreted.
5. Some species are mentioned as already naturalized.

* Academia das Ciências de Lisboa; Estação Agronómica Nacional.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

6. Some species given as being only under cultivation are now more or less naturalized.
7. Mentions are made to taxa not formally named to which later Brotero does not refer, but that were afterwards established by other botanists.
8. Later on Brotero correctly published homonyms of *nomina nuda* given in the *Voyage*, but he does not refer if they were communicated to him by Hoffmansegg or Link, or if they were taken by him from the *Reise* or the *Voyage*.
9. Localities are mentioned which were later cited by Brotero but without reference that they were communicated to him by the German botanists.
10. On the other hand, some taxa already mentioned in the *Voyage* were later cited by Brotero who notes that they were communicated to him by one of the German botanists.
11. & 12. Some French vernacular names are mis-applied; two could not be confirmed in floras and diccionaries.
13. Some chorological data have historical interest to the knowledge of the Portuguese flora.
14. Citations in the Link's book reinforce the idea that some taxa of the Portuguese flora ought be protected.

•

Na Primavera de 1798, dois naturalistas germânicos, Conde J. C. de Hoffmansegg, antigo oficial da Guarda Real do Saxe, de trinta e dois anos, e o Doutor Heinrich Friedrich Link, professor de botânica e química na Universidade de Rostock, um ano mais novo, entravam em Portugal pela fronteira do Caia. Vinham estudar as produções naturais, mormente a flora do nosso País — a «India Europæ dicenda», terra lendária, ainda mal calcorreada «botanicorum pedibus», segundo as alentadoras palavras de Lineu a Vandelli — país onde, desde Clusius, senão já desde o nosso proscrito Amatus, constava existir uma flora plena de preciosidades ainda apenas escassamente conhecidas do mundo científico. E por aqui andaram, Link só até a Primavera de 1799, e Hoffmansegg (que já estivera em Portugal em 1795) até o Verão de 1801 (conforme se lê no prefácio da *Flore Portugaise*) e não 1800 como se depreenderia do texto do *Voyage*.



Além da viagem de Elvas até Lisboa, em Março de 1798, e de curtas excursões pelos arredores da capital (às Serras da Arrábida e de Sintra, e pelo vale do Sado até Grândola, entre outras), os dois famosos naturalistas realizaram quatro grandes excursões:

*De Maio a Agosto de 1798*: De Lisboa à Serra do Gerês, Serra do Marão e Serra da Estrela, regressando por Tomar.

*De Fevereiro a Maio* (?) *de 1799*: De Lisboa ao Algarve, por Ourique e Monchique, a Cabo de São Vicente e, pelo Litoral, até Vila Real de Santo António, com regresso por Mértola, Serpa e Évora.

Já sozinho, o Conde de Hoffmansegg efectuou mais as seguintes:

*Em Junho de 1799*: De Lisboa, pela Serra de Montejunto, Rio Maior, Abrantes, Portalegre e Marvão, até Castelo Branco, tendo regressado por Sertã e Tomar.

*De Dezembro de 1799 a Setembro de 1800*: De Lisboa à Serra da Estrela, por Coimbra e Buçaco, e depois por Mondim e Lamego até as Serras do Marão e do Gerês; em seguida por Montalegre e Mirandela até a Serra de Nogueira e Macedo de Cavaleiros (Vale da Porca), regressando a Vila Real e indo por Foz-Tua, Vilariça, Moncorvo, Serra da Navalheira, Mogadouro, Vimioso, Bragança e Montesinho, até Miranda do Douro, descendo então por Freixo de Espada-Cinta, Almeida, Guarda e Covilhã até a Serra da Estrela, continuando, depois, pelo Fundão a Coimbra e daqui ao Cabo Mondego, por Aveiro, até o Porto; em seguida por Vila do Conde, Barcelos, Ponte de Lima, Viana do Castelo e Valença até Melgaço e Castro Laboreiro e daqui, pelo Soajo e Rio Caldo, de novo a Montalegre e, por Vinhais, à Serra de Montesinho e Bragança, regressando então, pelas Serras de Nogueira e Bornes, e pela Vilariça, Pocinho, Marialva e Celorico da Beira, mais uma vez à Serra da Estrela, donde, por São Romão e Coimbra voltou a Lisboa.

As impressões desta extensa campanha foram publicadas por Link em Kiel em 1801 e em 1804 (o terceiro volume) sob o título de *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien, und vorzüglich Portugal*, obra depois divulgada numa tradução em francês (1803, 1805), a versão mais conhecida entre nós por *Voyage en Portugal*. Li-a vai para trinta anos e reli-a agora com renovado interesse e prazer.

A tradução repete corruptelas de muitos topónimos que o autor não logrou corrigir senão em parte no próprio original, e introduz, por deficiente tradução, nomes vernáculos das plantas inadequados, por mal aplicados.

ACADEMIA SCIENTIARUM FACIMUS STUDIUM
ACADEMIA SCIENTIARUM LUSITANA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Os botânicos portugueses depois de Brotero — em cujas obras não encontrei nenhuma alusão ao livro de Link — como Mariz e Sampaio, o micólogo Manuel de Sousa da Câmara e, mais recentemente, Taborda de Morais, Carvalho e Vasconcellos e Amaral Franco tiveram em conta, nas suas revisões, monografias e floras, nomes e localidades de alguns dos taxa que são referidos no *Voyage*. Assim, também, além de Mariz e Sampaio, Colmeiro, Welwitsch (em notas inéditas) e Rothmaler que, todavia, utilizaram a edição original.

Mas, o não ter sido nunca compilada e tratada, dos pontos de vista de identificação e de nomenclatura, resenha de todas as referências a taxa representados na flora portuguesa contidas no *Voyage*, levou-me a tomar a iniciativa de a realizar.

Cingi-me, porém, às espécies autóctones e sinantrópicas, ainda quando algumas destas são referidas no *Voyage* apenas como plantas cultivadas. As plantas agrícolas e florestais e tudo quanto se refere à nossa agricultura nos seus múltiplos aspectos, desde as técnicas à economia, envolvendo cereais e têxteis já hoje em desuso, como o milho europeu, o linho e o cânhamo, e culturas que então ainda eram novidade, como a batata, até a olivicultura e a viti-vinicultura, que no livro de Link figuram em apontamentos de manifesto interesse — ainda agora! — constitui um manancial que, por si só, merece que sobre ele se debruce mais o agrónomo do que o botânico que se interesse pela história da nossa agricultura, pela evolução das técnicas e das tecnologias e, enfim, pelas vicissitudes e progressos da nossa economia agrária, em especial pelo panorama agro-económico português no fim do século XVIII.

Outro aspecto, que a exiguidade do espaço que me foi concedido neste Colóquio me impediu de versar, é o da vegetação. De facto, o *Voyage* contém inúmeras e valiosas observações para quem se dedica ao estudo do recobrimento vegetal e pretenda avaliar a sua evolução nestes quase dois séculos, não apenas aquelas informações e notícias que se reportam às unidades constituintes da paisagem, mas até as que facultam elementos valiosos acerca de agrupamentos vegetais, tão claramente pressentidos por Link, e às suas relações ecológicas.

O número relativamente pequeno de taxa referidos no *Voyage* — cerca de um décimo das Fanerogâmicas herborizadas por Hoffmansegg e por Link — não justifica a elaboração de um catálogo sistemático. Optei, portanto, por uma simples lista alfabética de nomes científicos, com referência aos nomes botânicos e aos nomes vernáculos franceses



e portugueses encontrados no texto de Link, e bem assim, às localidades respectivas donde o botânico germânico refere cada taxon.

Reconheço que, para o leitor do *Voyage*, interessaria talvez mais poder dispor de um índice alfabético dos nomes mencionados na obra, mas, mais uma vez, as limitações impostas restringiram o âmbito do meu trabalho.

Porque não foi o propósito de Link senão transmitir impressões de viagem e, apenas, esmaltá-las com alusões a plantas marcantes na paisagem, ou imprevistas para o viajante vindo lá dos confins da Europa, ou, enfim, justificadas pela descoberta — o leitor do *Voyage* não deve esperar, decerto, que este livro constitua uma resenha metódica e completa e crítica da nossa flora, como mais tarde o pretendeu ser a monumental *Flore Portugaise* que os botânicos alemães infelizmente não lograram ultimar. O estudioso, esse sim, como o fizeram já alguns dos nossos botânicos, procurará, neste caso e sempre, recolher e interpretar, com o rigor possível, todos os documentos que importem ao conhecimento florístico dos nossos territórios.

## ESPÉCIES DA FLORA PORTUGUESA REFERIDAS NO *VOYAGE EN PORTUGAL* DE LINK

*Acer monspessulanum* L.

— Érables, *A. campestre*. *Voyage*, **1**: 328.
Serra da Arrábida.

Brotero (1804), como Link, também indica o *A. campestre* da Arrábida. Porém, segundo Pereira Coutinho, na sua revisão das *Aceraceae* portuguesas (1895) tal espécie não voltou a ser encontrada ali, ao contrário do que se admitiria perante o que este botânico mais tarde (1939) escreveu ao citá-la sem reservas da localidade citada. Sampaio, que não a referiu na *Lista* (1913), em 1947 dá apenas o testemunho de Link, aparentemente fundado no *Voyage*.

Walters, na *Flora Europaea* (1968) não indica Portugal na área do *A. campestre*. Enfim, sigo Amaral Franco (1971) que identifica o *A. campestre* dos autores portugueses com *A. monspessulanum* L., espécie aliás também referida para a Serra da Arrábida por Pereira Coutinho (1939) não só na variedade típica como na var. *divergens* que cita como existindo ainda em Trás-os-Montes e na Beira Baixa.



ACADEMIA SCIENTIARUM LUSITANA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Adenocarpus complicatus* (L.) Gay

— *Cytisus divaricatus*. *Voyage*, **3**: 303.
Marvão: «le *cytisus divaricatus* orne les promenades de ses fleurs jaunes».

Brotero (1804) dá, entre os sinónimos do seu *Cytisus complicatus*, o *Cytisus divaricatus* Cav., espécie a que se refere Welwitsch (em nota escrita no exemplar da *Flora Lusitanica* que lhe pertenceu e que julgo inédita) sem contudo indicar a autoria de Cavanilles, inserindo, na sua essência, o texto de Link na edição original do *Voyage* (*Reise*, **3**: 286) e que acima transcrevi da edição francesa.

*Agave americana* L.

— Aloès pitte, aloès commun, aloès d'Amérique, aloès américain, piteira (port.), pita (port.). *Voyage*, **1**: 242, 372, **2**: 141, **3**: 82, 313, 325.
Arredores de Lisboa; Algarve.

A piteira teria sido introduzida na Europa pelos portugueses e tornou-se subespontânea em Portugal nas sebes das terras mais baixas e quentes.

*Allium nigrum* L.

— *Allium speciosum*. *Voyage*, **1**: 234.
Lisboa: vale de Alcântara, em basalto.

Desta localidade que, pelo grande número de plantas raras e magníficas, Link (**3**: 173) propõe chamar-se *Jardin de Dieu* ou *Hortus Dei*, também o cita Brotero (1804).

*Alnus glutinosa* (L.) Gaertn.

— Aune. *Voyage*, **3**: 9.
Rio Rabaçal (afl. do Tuela), «plantations».

É difícil decidir se, como outras árvores ribeirinhas, se trata de plantas espontâneas ou plantadas, mas o amieiro é, em geral, tido por indígena.



*Alopecurus brachystachyus* Bieb.

— Vulpin des près, *A. pratensis*. *Voyage*, **3**: 34-5.
Bragança e Vimioso, nos prados.

Segundo A. N. Teles (1970), no seu excelente estudo dos lameiros do norte de Portugal, a espécie neles presente é *A. brachystachyus*, e não *A. pratensis* que não existe em Portugal.

*Anagyris foetida* L.

Tavira, abundante nas sebes com *Aristolochia baetica*. *Voyage*, **2**: 150.

Brotero (1804) indica esta Leguminosa apenas do Algarve: de Tavira (como Link) e de Loulé. Tanto Pereira Coutinho (1939) como Sampaio (1947) a dão para o (Baixo) Alentejo e o Algarve. Não se justifica, portanto, que Amaral Franco (1971) limite a sua distribuição ao Sudeste.

*Anemone albida* Mariz

— Anémone des bois. *Voyage*, **3**: 70.
Serra do Gerês.

A espécie estabelecida por Mariz, que frequentemente é tida por subespécie subatlântica, vicariante, da *A. trifolia* L., considera-se uma boa característica dos carvalhais noroestinos, incluindo os da Serra do Gerês.

*Anthemis Triumfetti* (L.) DC. fo. *flosculosa* (Briq. & Cavill.) R. Fernandes

— Anacycle. *Voyage*, **3**: 246.
Serra de Montejunto, près du sommet.

Penso que se trate do *Chamaemelum aureum* Hoffgg. & Link publicado na *Flore Portugaise* (**2**: 350. 1829) que naquela serra tem a sua localidade clássica (cf. R. Fernandes, 1972, e Pinto da Silva, 1980).

*Aphyllanthes monspeliensis* L.

— Jonciole ou Aphyllante de Montpellier. *Voyage*, **3**: 38.
Miranda do Douro, nos rochedos da margem do Douro.

Brotero (1804), na *Flora*, menciona-o à fé de Hoffmansegg que lha comunicou. A primeira referência desta Liliácea para Portugal parece, assim, ser a que lhe é feita na edição original do *Voyage* (n.v.).

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Arbutus Unedo* L.

— Fraisier-arbre, fraisier, arbousier. *Voyage*, **1**: 318, 328, **2**: 13, **3**: 70, 98.
Serras do Gerês, do Buçaco, de Sintra e da Arrábida.

Link viu no Gerês medronheiros com quatro metros de altura. Diz também que esta árvore forma bosquetes na Arrábida e faz parte da floresta (natural) do «taillli» da mata do Buçaco (o *Rusco-Quercetum Roboris Viburnetosum* Br.-Bl., Pinto da Silva & Rozeira).

*Aristolochia baetica* L.

— *A. subglauca* (err.: «*subglabra*») Lam. *Voyage*, **2**: 150.
Tavira, nas sebes, com *Anagyris foetida.*

*Arundo Donax* L.

— Jonc d'Espagne, *A. Donax. Voyage*, **2**: 148, 150, 153.
Faro, Tavira.

Link (*l.c.*) diz que se exportava, tal como parece acontecer ainda hoje (segundo uma notícia ouvida em 1984 na RTP), para fazer palhetas de certos instrumentos de sopro. Gillet e Magne (1887) não referem o nome vernáculo apontado por Link, quer para esta Gramínea, quer para qualquer outra espécie.

*Asphodelus albus* Mill.

— *A. ramosus. Voyage*, **2**: 23.
Serra do Gerês.

Atribuindo a planta de escapo simples e frutos subesféricos e grandes (em verde), da parte superior da Serra do Gerês, ao *A. albus* Mill. sigo Rozeira (1956) e também Richardson e Smythies na *Flora Europaea* (1980). Ao que parece é a única espécie aí existente.

*Astragalus massiliensis* (Mill.) Lam.

— *A. Tragacantha*, astragale. *Voyage*, **2**: 130.
Cabo de São Vicente.

A alquitira-do-Algarve é citada por Brotero (1804) de Sagres.



*Betula pubescens* Ehrh. (incl. *B. celtiberica* Rothm. & Vasconcellos)

— Bouleau. *Voyage*, **2**: 38, 82, **3**: 3, 42, 47, 85, 101, 324, 325.
Alcobaça (Castro Laboreiro), Serra do Gerês, Serra de Montesinho, Alturas de Barroso, Campeã (Serra de Marão), Sabugueiro (Serra da Estrela).

Correctamente, Link dá o vidoeiro, ou bido, como vegetando apenas nas estações húmidas das montanhas tanto do Minho como da parte setentrional de Trás-os-Montes e depois apenas na Serra da Estrela, onde só no Sabugueiro parece tê-lo observado constituindo uma pequena floresta, localidade desta árvore a que Brotero não faz referência.

*Caltha palustris* L.

— Souci d'eau. *Voyage*, **3**: 37.
Montesinho.

... Planta que os viajantes não tinham ainda encontrado. Brotero (1804) refere-a de lugares de Portugal setentrional, nomeadamente de Moimenta (que julgo ser a povoação a norte de Bragança, não longe, portanto, de Montesinho). A correcta distribuição é, hoje, a indicada por Sampaio (1947) — regiões elevadas do Minho, Trás-os-Montes e Beira Alta — ou por Amaral Franco (1971) que a dá para o que, com pouca felicidade, chamou «Noroeste montanhoso».

*Castanea sativa* Mill.

— Châtaignier. *Voyage*, cit. plur.
Localidades diversas desde o Minho e Trás-os-Montes até Monchique.

As três dezenas de referências ao castanheiro, quer ao bravo quer ao manso, que se colhem do *Voyage* põem em evidência a importância que no fim do século XVIII esta árvore ainda tinha na paisagem portuguesa. Link chega mesmo a afirmar que os soutos constituíam as verdadeiras florestas do andar montano minhoto (**3**: 324), e aponta que dois quintos do concelho de Chaves eram ocupados por castanheiros além de outras árvores. Mas, no conjunto do País, além dos soutos transmontanos observados entre Vinhais e Montesinho (**3**: 42), entre Murça e Mirandela (**3**: 16) e em Moncorvo (**3**: 25), o botânico alemão demarcou

ACADEMIA SCIENTIARUM LUSITANA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

com precisão a maior parte daquelas áreas onde ainda na actualidade prevalecem soutos bravos ou mansos, como sejam as Serras do Marão, da Estrela, da Gardunha, de Sintra e de Monchique e o triângulo Castelo de Vide-Marvão-Alegrete por Portalegre (**3**: 302/3, 324/5). Além dessas, as referências a soutos em Viseu (**2**: 76), na Serra da Lousã (**3**: 129), entre Marialva e Celorico (**3**: 142) e na estrada de Leiria a Pombal, onde hoje predominam pinhais-bravos (**3**: 239), e em muitos outros lugares, mostram bem que infelizmente, em nossos dias, o castanheiro quer seja explorado pelo fruto ou pela sua preciosa madeira, salvo em Trás-os-Montes (onde a vista se delicia em novos soutos estabelecidos com moderna técnica), deixou de ter o valioso papel económico que potencialmente lhe é facultado pelas características edáficas da maior parte do nosso território continental.

Baseado no estudo de Fragoso de Siqueira, publicado nas *Memorias Economicas da Academia das Ciencias de Lisboa* (**2**: 295), Link descreve as técnicas culturais para o estabelecimento de soutos bravos e mansos e para a sua exploração, apontando o uso que se fazia das searas de milho-miúdo e de trigo na sementeira da castanha. Quanto aos soutos bravos (ou castinçais) da Serra de Monchique, como hoje, raramente eram enxertados: exploravam-se já como talhadios para cestaria e talvez apenas subsidiariamente na engorda de suínos (**2**: 122).

*Ceratonia Siliqua* L.

— Carouge, Caroubier. *Voyage*, **1**: 328, **2**: 139-140, 143, 149, 150, **3**: 309-10.
Serra da Arrábida, na encosta meridional, nos vales; Algarve: Loulé, Faro, Tavira.

A alfarrobeira é considerada por Link como elemento indígena da nossa flora e um dos mais belos ornamentos da vegetação da Europa, mas também como árvore cultivada para a produção de fruto. Em Tavira, diz-nos, quem colhia as vagens entregava quatro quintos ao dono da terra e ficava com o restante que utilizava na engorda de suínos, não obstante já então se considerar que o seu valor alimentar era inferior ao da bolota. De facto, sabe-se hoje (Meneses de Sequeira, 1980), que o valor alimentar da vagem da alfarrobeira é praticamente nulo para animais em produção.



*Chamaerops humilis* L.

— «Houx», *Chamaerops humilis*. *Voyage*, **2**: 126-7, 145, **3**: 309-10.
Entre Monchique e Bensafrim; Tavira.

O nome de «houx» é um manifesto erro de tradução pois é o vernáculo de azevinho (*Ilex Aquifolium*) e de gilbardeira (*Ruscus aculeatus*, «houx-frelon», «petit houx») e não o desta palmeira a que os franceses chamam «palmier nain».

Da palmeira-anã, de que viu plantas com 1,30 m de altura (o que, no Algarve é, ao menos hoje, excepcional), Link diz que se comem os rebentos ... como se fossem couves (ou palmito, presumo eu) e utilizavam as folhas ripadas (que o eram até por criancinhas de cinco anos!) na manufactura de esteiras e ceiras, como ainda ao presente se faz.

*Cirsium arvense* (L.) Scop.

— *Serratula arvensis*. *Voyage*, **1**: 365.
Alcobaça.

Brotero (1804) também o cita de Alcobaça, entre outras localidades da Beira e da Estremadura. Link alude-lhe como exemplo de plantas nórdicas que são raras em Portugal. Esta Composta, actualmente, é bastante comum nos vinhedos instalados em solos argilo-calcários, em agrupamentos que reuni provisoriamente na aliança *Cirsion arvensis* Pinto da Silva (ms.), parecendo que aí se reproduz sobretudo vegetativamente. Tratando-se de uma espécie muito polimorfa (Werner, in *Flora Europaea* 4. 1976), julgo que esta forma vitícola possa constituir uma forma ecotípica, ou até ser considerada uma subespécie calcícola que, aliás, talvez não seja a única representante da espécie em Portugal. Como sinantrópica, pode ser classificada como um epo-ecófito, uma vez que apenas se estabeleceu em solos agricultados e em condições ruderais.

*Cistus* et *Halimium* sp. plur.

— Cistes, cistes à fleur jaune. *Voyage*, **1**: 195, 327, **2**: 82, 84, 117, 129, **3**: 148, 150, 298, 314, 327.
Sabugueiro, Rosmaninhal, Sertã, Portalegre, entre Aldeia de Mouros e a Serra da Arrábida, entre Figueira e Messejana, Monchique, desde Vila do Bispo ao Guadiana.

As *Cistaceae* arbustivas, mais precisamente as espécies de *Cistus* e de *Halimium* — «les cistes: ils font le tourment des botanistes»! —

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

como bem observou Link, reinam nas landes baixas e arenícolas, nas províncias de mais acentuado carácter mediterrânico, desde a Beira Baixa, terra triste e desértica onde não viu senão colinas e montanhas cobertas de «cistes», hoje um mar imenso de pinhal, pasto de incêndios interesseiros, até o monótono e monticulado deserto da Serra algarvia. A colorida lande da charneca do mioplistocénico das Baixas do Sorraia, em que as *Cistaceae* têm tão destacado papel, é descrita (**1**: Cap. 14) como se Link fora um fitossociólogo dos nossos dias!

A única faceta económica destas plantas encontrada no *Voyage* (**3**: 314) é a da utilização das raízes para o fabrico de carvão, carvão que da Serra de Monchique era levado a Odemira e daí embarcado para Sesimbra e outros portos.

*Cistus crispus* L.

*Voyage*, **1**: 196.

É uma das espécies dadas no inventário florístico das landes das Baixas do Sorraia.

*Cistus ladanifer* L.

— Ladanum, Laudanum. *Voyage*, **1**: 185, 186, 189, 195, 196, 210; **2**: 116, 119, 126, 129, 130, 150, 166, 169, **3**: 15, 226, 261, 290, 327.

A mais bela espécie de *Cistus*, na opinião de Link, e, não obstante, diz, a imagem da secura e esterilidade, foi assinalada de muitas localidades, desde Mirandela, na Terra Quente, até o Cabo de S. Vicente (talvez aí confundida com *Cistus Palhinhae*) e pela serra atrás de Tavira até a margem do Guadiana. Viu-a alta de dois metros. Estevais uniformes são referidos para sul do rio Xarrama (Quinta de D. Rodrigues) e entre Monchique e Bensafrim. Para nada mais servia que para lenha e carvão.

*Cistus Libanotis* L. (*C. Bourgaeanus* Coss.)

— *C. umbellatus* Ait., nec L. *Voyage*, **2**: 143.

Esta interessantíssima espécie de transição entre os géneros *Cistus* e *Halimium* apenas é referida de um local entre Loulé e Faro. Ela, aliás, em Portugal, só é conhecida dos matos de solo arenoso dessa área (*Cistetum Bourgaeani* Rothm.).



A expansão turística, nomeadamente campos de golf, aeródromos e aldeamentos, constitui uma gravíssima ameaça para este belo endemismo hispano-mauritânico.

*Cistus monspeliensis* L.

Entre Figueira e Messejana; Campo de Ourique. *Voyage*, **2**: 117-8.

Estas duas únicas referências a localidades baixo-alentejanas põem em evidência que a desertização resultante das culturas cerealíferas vem de longe e não deve responsabilizar inteiramente as campanhas de produção de índole nacionalista dos tempos do fascismo na Europa.

*Cistus populifolius* L.

Serra de Monchique: entre Santa Clara e Palhota. *Voyage*, **2**: 121.

A «broussaille» uniforme a que Link se refere deve corresponder a uma degradação do *Arbuto-Cistetum populifolii* Br.-Bl., Pinto da Silva & Rozeira (1964) das serras algarvias.

*Colchicum lusitanum* Brot.

— Saffran d'été (*Colchicum*), «*C. fritillatum* Lk.» (nom. nud.). *Voyage*, **1**: 245, **3**: 184.
Sul de Portugal.

Ao que parece *C. fritillatum* nunca foi publicado. Sampaio (1913) alude-lhe ao citar *C. autumnale* L. var. *fritillatum* (Lk.), tal como já havia feito no *Manual* (1910), mas, mais tarde, na *Flora Portuguesa* (1947), omite a referência a Link atribuindo-se directamente a autoria da referida variedade que, segundo o nosso eminente confrade Abílio Fernandes (em colab. com Filomena França, 1977), corresponde simplesmente à espécie estabelecida por Brotero, tal como Sampaio (1901) primitivamente tinha considerado.

*Convolvulus tricolor* L.

— *Convolvulus tricolor*. *Voyage*, **1**: 234.
Lisboa.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Crocus serotinus* Salisb. ssp. *serotinus*

— *C.* «*nodiflorus*», *C. sativus*, saffran, safran d'automne.
*Voyage*, **1**: 245, **3**: 184.
Lisboa.

Link não foi feliz na sua rectificação visto que o *C. nudiflorus* Smith (fide B. F. Mathew in *Flora Europaea* **5**. 1980) não é planta portuguesa.

*Cupressus lusitanica* Mill.

— *Cypressus lusitanica* L'Héritier, cyprès du Portugal, pin de Goa.
*Voyage*, **1**: 395, 401, 402, **2**: 36, **3**: 97, 98.
Amarante, Alcobaça, Lisboa, Coimbra, Buçaco, sempre cultivado.

Link diz ter visto esta famosa árvore primeiro em Alcobaça e raramente nos arredores de Lisboa onde estava representada por indivíduos de pequena estatura. Viu-a também nos arredores de Coimbra, mas foi no Buçaco (para onde teria sido trazida de Goa, o que hoje não é aceite, afirmando-se que é oriunda do México e Guatemala) que Link viu árvores de alto fuste a que atribuiu mais de duzentos anos.

Incluo-a nesta lista visto que se admite ter-se tornado já casual ou até subespontânea (Amaral Franco, 1971).

*Cupressus sempervirens* L.

— Cyprès pyramidal, cyprès commun, cyprès. *Voyage*, **1**: 219, 239, 401.
Coimbra, Lisboa.

O cipreste é bastante cultivado não apenas nos cemitérios mas também para referência na delimitação de propriedades, como é frequente ver no Alto Douro, ou formando sebes, como acontece em Parceiros de São João, a caminho de Pernes para Torres Novas, onde possivelmente já se naturalizou.

*Cydonia oblonga* Mill.

— Coignassier. *Voyage*, **3**: 65.
Guimarães, nas sebes.

Incluo-o porque se considera (Pereira Coutinho, 1939) que se tornou subespontânea.



*Cynara Cardunculus* L.

— Chardon, *C. silvestre* Lam. *Voyage*, **2**: 170.
Serpa.

Acerca do seu uso como coalho Link alude ao queijo de Serpa, talvez já então apreciado, como hoje o é, e ao requeijão, mimos da dieta panar alentejana.

*Cynodon Dactylon* (L.) Pers.

Águas de Moura: Vale de Reis. *Panicum dactylon. Voyage*, **2**: 115.

Compreende-se a citação desta planta daninha por quem chegava da Europa Central, pois se entre nós, sobretudo no Sul, ela pode vegetar em hábitats favoráveis à sua condição tropical, tal não acontece nos países setentrionais onde já nem sequer vegetativamente lhe é possível manter-se.

*Cynoglossum clandestinum* Desf.

Portugal. *Voyage*, **3**: 326.

Esta Boraginácea é referida apenas para evidenciar a peculiaridade da flora portuguesa onde substitui a sua congénere própria da Alemanha, «la cynoglosse d'Allemagne» (*C. germanicum* Jacq.).

*Cytisus striatus* (Hill) Rothm.

— *Cytisus procerus* Lk. *Voyage*, **2**: 13.
Caldas do Gerês.

Mariz (1884) coloca *C. procerus* em sede incerta e dá-o como publicado na *Reise*, ainda que invalidamente. Possivelmente baseou-se em Colmeiro (*Genisteae* de *España* y *Portugal*: 49, n.v.), que cita, onde *C. procerus* é indicado para o Entre Minho e Douro à fé do autor alemão.

Sampaio (1913), ao subordinar a planta Linkiana do Gerês a uma raça de *Spartium patens* L., diz que a diagnose que lhe foi dada por Willdenow não convém a outra planta senão a *Sarothamnus eriocarpus* Boiss. & Reut., i.e., a *Cytisus striatus* (Hill) Rothm. Foi este o critério aqui seguido.

Interessante é notar que a obra de Link, na sua edição original alemã hoje tão difícil de encontrar, não era ignorada dos autores referidos, como o não foi de Welwitsch! (cf. *Adenocarpus complicatus*).

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Cytisus* sp.

— *C. villosissimus*. *Voyage*, **2**: 13.
Serra do Gerês.

Mariz (1884) também coloca esta espécie em sede incerta, dando-a, como a anterior, publicada (*nomen solum*) na *Reise*, talvez também à fé de Colmeiro (*l.c.*: 48) que a indica imprecisamente para o Entre Minho e Douro. Mas, aparentemente, este nome nunca foi validamente publicado e não consegui elementos para o atribuir correctamente a qualquer espécie. Poderia pensar-se que, referindo-se «villosissimus» ao indumento da vagem, se tratasse também de *C. striatus*.

*Doronicum carpetanum* Boiss. & Reut. ex Willk.

— Doronic, *D. Pardalianches*. *Voyage*, **3**: 43.
Serra de Montesinho: Montesinho.

A identificação da planta de Montesinho como *D. carpetanum* deve-se a Mariz (1891).

*Echinospartum lusitanicum* (L.) Rothm.

— Genêt du Portugal (*Genista lusitanica*). *Voyage*, **2**: 84, **3**: 105.
Pinhel: Pínzio; Serra da Estrela: Lagoa Redonda.

Esta bela planta — arbusto singular, diz Link — que na floração se torna num hemisfério dourado, impressionou compreensivelmente os botânicos germânicos!

*Erica.* spp. plur. (incl. *Calluna*)

— Bruyères (différentes espèces). *Voyage*, cit. plur.

As citações a urzes de espécies não determinadas são frequentes no *Voyage* e envolvem landes situadas em locais de todo o País.

*Erica australis* L.

Landes das Baixas do Sorraia. *Voyage*, **1**: 195.

*Erica cinerea* L.

*Voyage*, **1**: 365.
Entre Alcobaça e Batalha.



*Erica umbellata* L.

*Voyage*, **1**: 195, **2**: 13, 92.
A sul das Caldas do Gerês; Ponte de Mucela; Baixas do Sorraia, landes.

*Erythronium Dens-canis* L.

— «Fleurs violettes de chiendent». *Voyage*, **3**: 3.
Entre Venda Nova e Montalegre.

Mais uma vez o tradutor mal-aplicou um nome vernáculo, ao utilizar «chiendent», que é o de *Cynodon Dactylon* e de espécies de *Elymus*, em vez de «dent de chien», por tradução do restritivo específico.

*Filipendula Ulmaria* (L.) Maxim.

— *Spiraea Ulmaria*, reine des près. *Voyage*, **3**: 35.
Bragança, nos prados.

Teles (1970) encontrou-a em Vinhais (Vilar de Ossos e Perigo) em lameiros de regadio, em fundo de vale, na associação que designou *Hyperico-Juncetum acutiflori* Teles (1963) 1966, subassoc. de *Trifolium repens*.

*Frangula Alnus* Mill.

— «Viornes (*Rhamnus Frangula*)». *Voyage*, **2**: 13.
Caldas do Gerês.

Segundo Fournier (1977), o vernáculo «viorne» aplica-se a espécies de *Viburnum*, mas não a *Frangula Alnus*. Deve tratar-se de um lapso do tradutor que não afecta a referência do amieiro-negro para o Gerês onde é comum.

*Frankenia pulverulenta* L.

*Voyage*, **3**: 247.
Rio Maior, na fonte salina.

Brotero (1804) faz-lhe referência com base na comunicação do Conde de Hoffmansegg.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Furcraea foetida* (L.) Haw.

— «Une espèce/d'aloès/appelée *bavosa* ou *babosa*».
*Voyage*, **2**: 142, **3**: 313.
Algarve; Faro, cultivado nas sebes.

A planta que Link julgava ser uma nova espécie de *Agave*, de caule mais curto e mais delgado do que o da *A. americana* e com folhas alongadas, delgadas e amarelo-esverdeadas, que as vacas não comiam, mas que produziam longas fibras, corresponde bem àquela planta a que Brotero (1804) alude e admite ser *Agave vivipara* L. ou *A. mexicana* Lam., e é, em meu parecer, a *Furcraea foetida*.

*Genista polygalaephylla* Brot.

— Une nouvelle espèce de genêt. *Voyage*, **2**: 39.
Serra do Marão: Campeã.

*Genista Tournefortii* Spach

— Une espèce de genêt épineux. *Voyage*, **3**: 226.
Serra da Arrábida.

Se reputo imprudente tentar identificar as espécies de «genêt» que se encontram no texto do *Voyage* (**3**: 298, 328), já tal não acontece neste caso, uma vez que, subindo a Serra da Arrábida desde Aldeia dos Mouros, não existe senão a espécie indicada e que, diz Link, era tão abundante que dificultava a marcha.

*Gentiana lutea* L.

— «Gentiane», gentiane jaune, argenciana (port.). *Voyage*, **3**: 109, 146.
Serra da Estrela: entre a nascente do rio da Candieira (Lagoa do Peixão, «Pachão»?) e os Cântaros.

A localidade, onde só com o auxílio de cordas foi possível colher algumas plantas que vegetavam nas fendas dos rochedos, não deve ser afastada da lagoa que prefiro designar por «do Peixão» e não «da Paixão», topónimo apenas justificado por uma vaga lenda ...

(E ainda a propósito de toponímia: poderá o nome registado por Link («argenciana»), e que não encontrei nem em Brotero nem nas floras modernas, ou o de argençana, que aliás parece uma corruptela da medi-



cinal «genciana» (*Gentiana*) já referida por Plínio, estar na origem de Argenteira?)

No Sabugueiro, quando havia fome, recorria-se ao comércio da raiz de genciana. E, por esse tempo, a argençana, uma das mais espectaculares plantas da nossa flora, já se tornara rara merecendo figurar na longa e trágica lista das plantas actualmente em risco de extinção.

*Halimium alyssoides* (Lam.) C. Koch

— *Cistus scabrosus* Ait. & *C. cheiranthoides* Lam. *Voyage*, **2**: 13.
A sul das Caldas do Gerês.

Ambas as espécies citadas por Link são também citadas por Brotero (1804) para o Gerês.

*Halimium comutatum* Pau

— *Cistus Libanotis* sensu Link, non L. *Voyage*, **1**: 195.
Landes das Baixas do Sorraia.

*Halimium halimifolium* (L.) Willk. ssp. *multiflorum* (Dun.) Maire

— *Cistus halimifolius* L. *Voyage*, **1**: 195, 408.
Coimbra (arred.); landes das baixas do Sorraia.

De Coimbra é citado apenas para indicar que, tal como outros arbustos, é hospedeiro da ferrugem-da-oliveira.

*Halimium lasianthum* (Lam.) Spach

— *Cistus lasianthus*. *Voyage*, **1**: 195.
Landes das Baixas do Sorraia.

*Halimium* sp. (prob. *H. ocymoides* (Lam.) Willk.)

— *Cistus sambucifolius* «à fleurs jaunes dont le fond présente des tâches purpurines». *Voyage*, **1**: 195.
Landes das Baixas do Sorraia.

Talvez possa ter sido um *lapsus calami* por *Cistus sampsucifolius* Cav. que é interpretado como sinónimo do *Halimium ocymoides*.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Halimium verticillatum* (Brot.) Sennen

— *Cistus verticillatus. Voyage*, **1**: 196.
Landes das Baixas do Sorraia.

*Cistus verticillatus* Brot. foi publicado na *Flora Lusitanica* apenas em 1804 e Brotero não refere aí qualquer comunicação feita pelos botânicos alemães. Trata-se de uma simples coincidência na escolha do restritivo específico, ou Brotero ter-se-á limitado a adoptá-lo depois de o ver publicado na *Reise* (onde aliás o não fora validamente), ou teria sido comunicado por Brotero a Link?

*Hedera canariensis* Willd.

— Lierre. *Voyage*, **3**: 97.
Buçaco, sobre os carvalhos.

É decerto a esta espécie que tem de atribuir-se a hera do Buçaco uma vez que vegeta por todo o País e até mesmo na Serra do Gerês onde também se encontra a *H. Helix* L. (Pinto da Silva & Sobrinho, 1951).

*Hieracium umbellatum* L.

— Épervière en ombelle, *Hieracium umbellatum. Voyage*, **3**: 84.
Melgaço, margem do rio Minho.

Segundo se infere das floras de Pereira Coutinho (1939) e de Sampaio (1947), Melgaço é uma das poucas localidades onde esta Composta tem sido encontrada. Foi comunicada a Brotero por Hoffmansegg (Brotero, 1804).

*Holcus lanatus* L.

— Herbe à miel, *H. lanatus. Voyage*, **2**: 27.
Serra do Gerês, nos prados.

*Ilex Aquifolium* L.

— Houx. *I. Aquifolium. Voyage*, **1**: 425, **3**: 98.
Porto; Buçaco.



*Ionopsidium acaule* (Desf.) Rchb.

— *Cochlearia acaulis* Desf. *Voyage*, **3**: 184.
Sul.

É, com razão, citada como exemplo das espécies que florescem a seguir às chuvas do fim do Outono e início do Inverno. O encanto desta Crucífera minúscula florindo na época hibernal não escapou aos botânicos germânicos talvez saudosos da neve pátria ...

*Iris lusitanica* Ker-Gawler

— *I. juncea. Voyage*, **1**: 234.
Lisboa, vale de Alcântara, em solo de basalto.

Link pretendia, sem dúvida, referir o lírio amarelo português e não a verdadeira *I. juncea* que nunca foi encontrada no nosso território.

*Iris planifolia* (Mill.) Fiori & Paol.

— *I. alata. Voyage*, **1**: 184.
Elvas.

A beleza desta Iridácea prendeu a atenção dos viajantes botânicos logo ao entrar em Portugal.

*Isatis platyloba* Link, in *Neues Journ. Bot. Schrader* **1**(3): 146 (1806).

— Nouvelle espèce d'*Isatis. Voyage*, **3**: 38.
Miranda do Douro, nos rochedos da margem do rio.

Esta raríssima espécie, só conhecida da sua localidade clássica, talvez não esteja extinta em consequência da construção da barragem, visto que em 1924 Taborda de Morais, que aparentemente foi quem pela última vez a encontrou (cf. Rozeira, 1944), di-la vegetar entre 150 e 200 metros acima do nível do rio (Taborda de Morais, 1936).

Brotero (1804), a quem a planta foi comunicada pelo Conde de Hoffmansegg em 1800 ou mais tarde, não denominada ou então erroneamente atribuída à *I. lusitanica* L., com este nome a publicou, sem admitir, portanto, que se tratasse de uma nova espécie. Na sua crítica à *Flora Lusitanica* (*Neues Journ. Bot. Schrad.* **1**(3): 146. 1806) e não apenas em 1821, por intermédio de Steudel, como se pretende na *Flora*



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Europaea* e em Amaral Franco (1971), Link, baseado na descrição Broteriana, estabelece como nova espécie, esta raríssima Crucífera, à qual dá o nome *Isatis platyloba.*

*Juncus* sp.

— Jonc. Cabanes de jonc. *Voyage*, **1**: 337, **3**: 221.
Setúbal, Costa da Caparica.

É possível que se trate de *J. maritimus* L., o junco-das-esteiras, ou do *J. effusus* L. que Pereira Coutinho (1890) indica, como Link (**1**: 337), ser usado para cobrir as mêdas de sal, ou, mais provavelmente, do *J. acutus* L. que presumo ser a planta a que o nosso botânico (*l.c.*) chama junco-das-areias e diz servir para revestir paredes e tectos de madeira das cabanas de pescadores, por toda a costa.

*Juniperus communis* L. ssp. *alpina* (Suter) Čelak

— Genévrier, g. des montagnes. *Voyage*, **2**: 22, 82, 84.
Serra do Gerês: Borrageiro; Serra da Estrela: Lagoa Redonda, etc.

*Juniperus navicularis* Gandoger

— Genièvre, *J. Oxycedrus. Voyage*, **1**: 196.
Landes das Baixas do Sorraia.

*Juniperus phoenicea* L. fortasse ssp. *eu-mediterranea* Lebreton & Thivend

— Genièvre, *J. phoenicea. Voyage*, **1**: 196.
Landes das Baixas do Sorraia.

*Laurus nobilis* L.

— Laurier. *Voyage*, **1**: 189, 232, 327, **3**: 226, 328.
Azeitão: Aldeia de Mouros; Serra da Arrábida, Lisboa (cult.).

O loureiro é ainda citado com outros belos arbustos, como o folhado, das encostas umbrosas das montanhas, sobretudo as de origem granítica, afirma Link (**3**: 328), sem pôr reservas ao seu indigenato.



*Lavandula Stoechas* L. ssp. *Luisieri* (Rozeira) Rozeira? ssp. *lusitanica* (Chaytor) Rozeira?

— Stoechas, *L. Stoechas. Voyage*, **1**: 196.
Ibidem.

A ocorrência de ambas as subespécies é possível na área indicada, em agrupamentos dos *Cisto-Lavanduletea*, a ssp. *Luisieri* nos solos de mais difícil drenagem e a ssp. *lusitanica* em solos arenosos, soltos.

*Leucojum autumnale* L.

Lisboa. *Voyage*, **1**: 245.

*Linaria amethystea* (Lam.) Hoffgg. & Link

— *Antirrhinum amethystinum* Lam., «mufflaude». *Voyage*, **1**: 184.
Elvas.

«... partout croissait la belle mufflaude ...» Em Lamarck, na *Enciclopédie* (**4**: 353), asim como em floras e dicionários, encontro «muflier», mas não o vernáculo utilizado no *Voyage.*

*Linaria Lamarckii* Rouy

— *Antirrhinum lusitanicum* Lam. variété aux feuilles de myrthe.
*Voyage*, **1**: 346.
Comporta.

«... une des plus belles plantes de l'Europe». Opinião de Link, a meu ver, muito justa acerca deste endemismo das dunas ao sul do Sado, vicariante meridional da não menos bela dunícola *L. polygalifolia* Hoffgg. & Link que a substitui para norte daquele rio.

*Linaria triornithophora* (L.) Willd.

— *Antirrhinum triornithophorum. Voyage*, **1**: 402.
Arred. de Coimbra, nas montanhas xistosas.

ACADEMIA DAS CIENCIAS DE LISBOA

*Lithodora prostrata* (Lois.) Griseb. an ssp. *lusitanica* (Samp.) Valdés?

— *Lithospermum fruticosum. Voyage*, **1**: 196.
Landes das Baixas do Sorraia.

O cortejo florístico e a localização destas landes da charneca ribatejana que tanto encantaram os jovens botânicos alemães levam a admitir que a *Lithodora*, agora identificada com a *L. prostrata*, corresponda à ssp. *lusitanica*, de carácter mais acentuadamente mediterrânico do que a subespécie típica.

*Loeflingia hispanica* L.

À beira do Tejo, em Montalvão e mais a jusante. *Voyage*, **3**: 304.

Link diz não ter encontrado esta, ainda hoje, muito rara planta em qualquer outro lugar de Portugal. O Conde de Hoffmansegg comunicou-a a Brotero que a refere textualmente como vegetando «entre Montalvão e Monforte, junto ao Tejo, e, também, mas raramente, próximo da Golegã». Mariz (1888) limita-se a transcrever Brotero e Pereira Coutinho (1939) refere-a de Vila Velha de Rodão, onde voltou a ser colhida em 1956 (R. Fernandes, 1957). Amaral Franco (1971) dá-a como muito rara no Alto Alentejo, omitindo a referência ao espécime herborizado no rio Douro, no Porto, conforme indica Rosette Fernandes (1957), onde julgo que seja apenas mais um exemplo de plantas vindas de Espanha, carreadas pelo rio e, portanto, uma adventícia meramente casual.

*Lolium multiflorum* Lam.

— Algue d'Angleterre, *Lolium perenne. Voyage*, **1**: 417.

Identifico esta Gramínea com o azevém, ainda hoje frequentemente cultivado no Noroeste, visto que Link o considera anual: «que l'on sème et qui pousse chaque année». O bizarro nome que lhe dá de «*algue* d'Angleterre» (sublinhando «algue») não logro eu explicar e talvez seja mais um erro de tradução.



*Lupinus luteus* L.

— Lupins jaunes. *Voyage*, **1**: 335.
Palmela.

Nos dias muito quentes da Páscoa de 1798 estava em plena floração e embalsamava o ar na multitude dos seus longos cachos amarelos.

*Lychnis Flos-cuculi* L.

Alcobaça. *Voyage*, **1**: 365.

Referida como uma das espécies nórdicas que são raras em Portugal. Esta Caryophyllacea, de facto, ainda hoje pode considerar-se pouco frequente: vegeta apenas nas províncias litorais do Norte e do Centro do País.

Brotero (1804) também a cita de Alcobaça, entre outros lugares (não expressos, a não ser Coimbra) da Beira e da Estremadura.

*Medicago* spp.

— Trèfle en cosse. *Medicago. Voyage*, **3**: 173.
Lisboa: Alcântara.

Link diz que vegetam na colina de Alcântara, o seu *Hortus Dei*, não menos que sete espécies deste género.

*Merendera pyrenaica* (Pourr.) P. Fournier

— *M. bulbocodioides* Ramond. *Voyage*, **3**: 184.
Sul de Portugal.

Este endemismo pirenaico-peninsular é conhecido desde o Minho e Trás-os-Montes até o Baixo Alentejo (B. Rainha, 1968).

*Mesembryanthemum nodiflorum* L.

Figueira da Foz: ilha da Murraceira. *Voyage*, **3**: 137.

Sampaio (1947) indica esta Aizoácea como existente na «Beira-mar, para Sul do Mondego» o que quer dizer que os jovens botânicos alemães encontraram esta «rara planta na Europa» na localidade mais setentrional da sua área portuguesa onde nada justifica que seja adventícia, como pretendem Jalas e Suominen (1980).

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Murbeckiella Boryi* (Boiss.) Rothm.

— *Cardamine* sp. nov., «une nouvelle espèce de Cardaminé». *Voyage*, **3**: 146.
Serra da Estrela.

Presumo que tal identificação seja a correcta. Esta Crucífera da Serra da Estrela não foi distinguida por Brotero (1804) que aparentemente a deve ter confundido com *Cardamine pratensis* L. Foi reencontrada por Welwitsch no Verão de 1848 que anotou no seu exemplar da *Flora Lusitanica* de Brotero: «*3. Cardamine heterophylla Bory* / In summis jugis da Serra d'Estrella / Covão das Vacas, Cantaro Gordo &c. in / umbrosis rupestribus ♃ Floret Jun.-Aug. / albiflora, stolonifera. Aug. 1848, l. W.».

*Myrica Faya* Ait.

— Faya (de Madère), Myrica Faye. *Voyage*, **1**: 318, **3**: 328.
Sintra e sul de Portugal.

No capítulo dedicado à Serra de Sintra, Link aponta a faia-das-ilhas como um dos componentes da floresta que envolve as casas das quintas de veraneio situadas na encosta setentrional, a par de medronheiros e adernos, mas acrescenta tratar-se de arbusto exótico trazido da ilha da Madeira com outras plantas que lá crescem.

Noutro passo, sem reservas a propósito do seu indigenato, aponta a *Myrica Faya* como peculiar das montanhas meridionais.

Sintra é um território botânico de tal modo prostituído, e talvez já desde tempos de Link, que se torna difícil afirmar se certas espécies que hoje lá se encontram sem aspecto de terem sido introduzidas o serão de facto. Por isso, em minha opinião, a faia-das-ilhas, como Link pretende, só será indígena nas montanhas do Sudoeste Português, nomeadamente em Monchique, sobretudo na Serra da Picota, onde a encontrei em manifesta condição de espontaneidade.

*Myrtus communis* L. (incl. var. *tarentina* L.?)

— Myrte, «myrthe à grands feuilles». *Voyage*, **1**: 190, 196, **3**: 226, 328.
Azeitão; Serra da Arrábida; Montemor-o-Novo; «revers des montagnes, surtout de celles de granit»; landes das Baixas do Sorraia.

Subindo a Arrábida pelo Norte, nas margens umbrosas dum ribeiro, viu altas murtas, e nas landes de Azeitão encontrou a variedade de



folhas pequenas (var. *tarentina* L.?) deste belo arbusto que Link só considerava «agréable» quando junto dos ribeiros era alto e se revestia de flores ... e não quando monotonamente e de exígua estatura cobria grandes extensões dos montados alentejanos.

*Narcissus* spp.

— Narcisse, petite narcisse, narcisse jaune, jonquilles odoriférantes. *Voyage*, **1**: 247, **2**: 127, **3**: 70, 101, 110, 113-4, 146.
Serra do Gerês; Serra da Estrela: Sabugueiro, Lagoa Comprida, Malhada do Covão Cimeiro, nascente do Rio da Candeeira; entre Monchique e Bensafrim.

Não é possível identificar com segurança as espécies de *Narcissus* a que Link se refere.

Duas das espécies da Serra da Estrela foram ali observadas pelo Conde de Hoffmansegg no dia 4 de Junho de 1800 quando andou por lá perdido na neve, com grave risco de vida! No dia *quatro de Junho* — fixem-no os montanhistas e sobretudo os campistas citadinos que à Serra se afoitem! ...

*Nerium Oleander* L.

— Laurier-rose. *Voyage*, **2**: 150, 166.
Tavira; ribeira de Odeleite.

O aloendro, que com frequência cobre de flores os «uedes» ou «odes» algarvios e alentejanos, não podia escapar aos viajantes. Interessante é a alusão à sua convivência com *Spartium junceum* L. na borda do caminho ao longo do rio de Tavira.

*Nigella hispanica* L.

— *Nigella hispanica*. *Voyage*, **3**: 293.
Beja.

Brotero (1804) não indica esta espécie, e Mariz (1886) dá-a apenas para Campo Maior. Parece, assim, que foi Link quem primeiro a referiu de Portugal e também do Baixo Alentejo.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Olea europaea* L. var. *sylvestris* Brot.

— Olivier sauvage. *Voyage*, **1**: 403, **2**: 117.
Baixo Alentejo: entre Figueira e Messejana.

Talvez corresponda a uma estação argilo-calcária donde Link assinala também *Quercus coccifera* e *Cistus monspeliensis* L., interessante nessa parte da província.

*Omphalodes nitida* Hoffgg. & Lk.

— *Cynoglossum lusitanicum* Tournef. *Voyage*, **1**: 402-3.
Arred. de Coimbra, «... montagnes ... qui renferment de l'ardoise ...».

A localidade e a ecologia, mas sobretudo o facto de Link situar a planta, aqui identificada com a espécie Tournefortiana, entre as plantas próprias da província de Entre Minho e Douro, não deixam dúvidas de que se trata da bela planta a que mais tarde Hoffmansegg e Link deram o nome de *Omphalodes nitida*, e não de *O. linifolia* (L.) Moench (*Cynoglossum lusitanicum* L.) que não vegeta nas províncias do Noroeste.

*Ophrys* spp.

— «Diverses espèces d'*ophrys* que paraissent indigènes en Portugal». *Voyage*, **3**: 185.
Lisboa, nas colinas.

Ainda que «les formes bisarres» destas *Orchidaceae* «excitent un étonnement que les anciens botanistes ont déjà exprimé», o certo é que Link não alude a qualquer espécie em particular, nem mesmo àquelas que estabeleceu mais tarde.

Na Serra da Arrábida, os botânicos alemães encontraram *Orchidaceae* ainda desconhecidas (**1**: 328) e, de novo, aludem a plantas desta família que viram nas montanhas calcárias dos arredores de Coimbra (**1**: 403), mas sem especificar nenhuma (**3**: 327).



*Opuntia Ficus-indica* (L.) Mill.

— *Cactus Opuntia*, figuier d'Inde, f. des Indes, f. indien, f. d'Enfer; em português: figo do Inferno. *Voyage*, **1**: 242-3, **3**: 82.
Lisboa, nas sebes (plantadas), e já então subespontânea em Portugal.

De flor amarela e fruto comestível é decerto a esta espécie que o autor alemão se pretende referir e que, ao presente, continua a ser comum nas condições que indica.

*Ornithogalum arabicum* L.

Lisboa: Alcântara, «sur une petite colline, derrière le moulin à poudre», em basalto. *Voyage*, **1**: 234.

Esta Liliácea não é muito frequente mas estou convencido que não deve ser considerada como de indigenato incerto em Portugal como pretende C. Zahariadi (*Flora Europaea*. 1980), não obstante Brotero (1804) afirmar que, além de espontânea na localidade indicada por Link, se encontra também nos jardins como ornamental.

*Ornithopus sativus* Brot.

— «*Ornithopus sativus*, nob.». *Voyage*, **1**: 417.
Ovar; também cultivado no Minho e nos arredores de Coimbra.

Rothmaler (1940b) incluiu entre os sinónimos de *O. sativus* Brot. o homónimo invalidamente publicado (*nom. nud.*) por Link na *Reise* (**2**: 60) em 1801 e, depois, no *Voyage* (*l.c.*).

Aparentemente nenhum dos botânicos alemães comunicou a nova espécie a Brotero que, usando o mesmo epíteto específico, se tornou o autor incontestável do binome em 1804.

Que eu saiba não há documentos susceptíveis de explicar aquilo que apenas poderá ser uma coincidência. Mas uma coisa parece certa: Brotero não recebera a *Reise* a tempo de a ter em conta ao publicar a sua «Flora» em cuja introdução não lhe faz qualquer referência.

*Phillyrea latifolia* L.

— «*Philyrrées*» (sic). *Voyage*, **1**: 318.
Serra de Sintra, encosta voltada ao Norte, junto das casas.

Uma vez que Link a dá como elemento do medronhal, juntamente com a faia-das-ilhas, deve tratar-se do aderno e não da *Ph. angustifolia* L.

ACADEMIA SCIENTIARUM LUSITANA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Steudel

— Roseau. *Voyage*, **3**: 262.
Alusão ao seu uso na feitura de telhados.

*Phytolacca americana* L.

— *Ph. decandra* L. *Voyage*, **2**: 62.
Beira, muito cultivada.

A referência que lhe é feita por Link tem interesse para o estudo da subespontaneidade desta planta americana que agora se encontra perfeitamente naturalizada, sobretudo no Norte e no Centro.

*Pinus Pinaster* Ait.

— *P. maritima* Gerardi, sapin maritime, pin maritime. *Voyage*, **1**: 197-8, 209, **3**: 25, 27-8, 78, 97, 98, 128, 129, 139, 142, 225, 233, 250, 255, 257-8, 260, 316, 325.
Caminha, Carviçais, Moncorvo, Aveiro, Arganil, Celorico da Beira, Torres Vedras, Belas, Rio Maior. Outra Banda, Pinhal de Leiria.

As citações a pinhais sem especificação da espécie ou espécies que os constituem são numerosas no *Voyage* e envolvem localidades desde o Minho ao Algarve. Provavelmente trata-se de pinhais de pinheiro-bravo. Link dá esta árvore como própria da zona inferior e indica-a como rara apenas em Trás-os-Montes. No entanto, no caminho de Moncorvo para Carviçais, deparou com uma montanha coberta de pinheiro-bravo, «coisa rara e agradável de ver nessa província». ... Mas os pinhais (provavelmente bravos) das colinas ao norte da cidade do Porto classificou-os de «tristes» e capazes de destruir a imagem encantadora do estreito vale do Douro! A necessidade de lenhas do Velho Burgo portuense levava talvez a uma exploração excessiva, como a que ainda há poucos anos se via nos pinhais da Outra Banda, quando o aquecimento dos fornos das padarias ainda se não fazia com maçaricos e os fogões caseiros, na maior parte, eram de lenha. Enfim, pode colher-se a ideia de que o pinhal, sobretudo o bravo, já há duzentos anos pesava na paisagem portuguesa em desfavor dos carvalhais climácicos.



*Pinus Pinea* L.

— *Pinus Pinea.* Pignon. *Voyage*, **1**: 197-8, 209, 318, **3**: 316.
Landes das Baixas do Sorraia.

Parece que a ocorrência de pinhal manso nesta área, cuja flora landícola que lhe é própria descreve com considerável minúcia, é que terá sugerido Link a fazer-lhe alusão (**1**: 197-8) não tanto para o apontar para uma localidade precisa, mas apenas para se referir às duas espécies do Sul da Europa existentes no nosso País, o pinheiro-manso e o pinheiro-bravo, deles dando descrições sumárias, decerto destinadas sobretudo ao leitor compatriota.

Além da madeira, aponta aspectos da sua utilidade, como a comestibilidade dos pinhões e seu uso culinário, e a utilização das raízes como corante.

*Pistacia Terebinthus* L.

— *P. «Therebinthus»*, arbre à Thérébinthe, cornicabra (port.). *Voyage*, **3**: 26, 30.
Mogadouro: Serra da Navalheira; Moncorvo.

Ambas as localidades são também citadas por Brotero (1804), sem indicação, aliás, de lhe terem sido comunicadas por qualquer dos viajantes alemães.

*Populus* spp.

— Peupliers. *Voyage*, **1**: 232, 239, 347, **2**: 2, 99, **3**: 34, 68, 233.
Vimioso, Caldelas, V. N. de Famalicão, Golegã, Torres Vedras, Lumiar, Carnide, Lisboa.

Os choupos são referidos como orlando prados, vinhedos e estradas.

*Potentilla rupestris* L.

— Potentille des roches (*Potentilla rupestris*). *Voyage*, **3**: 84.
Melgaço, na margem do rio Minho.

Hoffmansegg comunicou este achado a Brotero (1804) que acrescentou (aparentemente à fé do botânico germânico) «et alibi in Duriminia, sed raro». Sampaio, que na *Lista* (1913) assinalava não ter visto material português, tal como já tinham feito o Conde de Ficalho e Pereira

ACADEMIA SCIENTIARUM LUSITANA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Coutinho (1899) e, depois, este último, na segunda edição da sua *Flora* (1939) acaba por referi-la sem reservas para aquela localidade (*Manual*: 320. 1911; 1922), o que terá levado os autores do texto do género na *Flora Europaea* (1968) a referi-la para Portugal sem dúvidas. Amaral Franco (1971), porém, omite-a, não obstante as referências de Sampaio e o ter Clemente Pereira, na sua Flora da Bacia do Minho (1932) citado a espécie como «Encontrada apenas na foz do rio Trancoso, entre os rochedos», conforme exemplares arquivados em PO (Sampaio, 1922) e, ao que parece, desaparecidos. Merino (1905) também a cita das margens do Minho mas a montante, em Belesar, já na província de Lugo.

*Prunus lusitanica* L.

— Azereiro, prûnier du Portugal (*Prunus lusitanica*). *Voyage*, **2**: 13, 19, **3**: 70, 328.
Serra do Gerês: Caldas do Gerês; montanhas setentrionais, na borda dos ribeiros.

À sombra desta nossa bela árvore, em cuja casca se escreviam ternos versos, confessa o jovem Link ter passado horas agradáveis esquecendo as rudezas alpestres que tantas vezes os botânicos têm de sofrer para encontrar em seu refúgio as melhores espécies.

*Punica Granatum* L.

— Grenadier. *Voyage*, **1**: 243.
Lisboa.

É dada como abundante nas sebes. Segundo Link, as suas flores vermelhas eram mais apreciadas do que as romãs.

*Quercus* spp.

— Chênes. *Voyage*, cit. plur.

A maior parte das citações a carvalhos (*chênes*) devem referir-se, em face das localidades nortenhas para onde são indicadas tais árvores, quer a *Quercus Robur* L., quer a *Q. pyrenaica* Willd. e, excepcionalmente, a *Q. faginea*, conforme, ainda, com as localidades (Serra dos Candeeiros: Carvalhos; Lumiar; Carnide).



*Quercus coccifera* L.

— Chêne de kermès, *Quercus coccifera*, arbre à kermès, kermès. *Voyage*, **1**: 210, 329, **2**: 117, 129, **3**: 325.
Andar inferior; Serra da Arrábida: Baixo Alentejo: entre Figueira e Messejana; Barrocal Algarvio.

Conquanto a ocorrência de bolotas doces seja verosímil noutras espécies de *Quercus* que não a *Q. rotundifolia* Lam., Link não só alude às desta árvore como sendo doces e comestíveis mas bem assim às de *Q. coccifera* L. que sempre que as tenho provado verifico serem muito amargas.

A referência à produção de grã na Serra da Arrábida (**1**: 328-9), é interessante para a história deste corante em Portugal.

*Quercus faginea* Lam.

— «*Q. australis* nob.», chêne du Midi. *Voyage*, **1**: 328, 348.
Entre o Cabeço de Montachique e Prova / Póvoa da Galega?/; Serra da Arrábida. (Provavelmente também em Lumiar e Carnide (**1**: 347) e Serra dos Candeeiros: Carvalhos (**3**: 253).)

A tipificação do nome proposto por Hoffmansegg e Link, que só em 1826 havia de ser publicado por Sprengel, foi feita por Vasconcellos e Amaral Franco (1954) que correctamente o colocaram na sinonímia da espécie estabelecida por Lamarck. Julgo, porém, que a publicação (inválida) de tal nome devia ter sido referida à edição original (*Reise*, **1**: 270) do livro de Link e não à tradução francesa, só publicada em 1803 (e não em 1808 como, talvez por lapso tipográfico, indicam). Sem que tal tivesse consequências nomenclaturais de interesse, talvez devessem ter aludido à quase-descrição que Link dá a este nome a páginas **1**: 348-9 (da edição francesa): «... chênes du midi, arbre particulier à l'Europe méridionale, dont on n'a encore parlé nulle part, quoiqu'il mérite bien d'être décrit à cause de *sa hauteur* et de *sa beauté. Il approche, par sa forme, du chêne de Valence, dont parle Cavanilles; mais il est encore plus grand et sa feuille plus large*» (sublinhados meus).

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Quercus lusitanica* Lam.

— *Q. humilis*. *Voyage*, **1**: 196.
Landes das Baixas do Sorraia.

É a única referência feita a esta espécie tão interessante da nossa terra e característica de agrupamentos constituídos quase sempre por uma flora muito rica em endemismos.

*Quercus pyrenaica* Willd.

— «Chênes épars, d'une espèce particulière»; «chênes», p.p.
*Voyage*, **2**: 13, etc.
Serra do Gerês, «sur les cimes élevées».

Link, portanto, admitiu que o carvalho da parte superior da Serra do Gerês deveria constituir uma espécie distinta e se a tivesse publicado teria obtido prioridade sobre Willdenow. A nossa mais bela montanha seria então a localidade clássica de mais um taxon, este, decerto, dos mais importantes do manto vegetal português.

Como disse, é de presumir pertencerem a esta espécie muitas das citações genéricas a «chênes», nomeadamente as que correspondem às montanhas do Norte e Centro, como, por exemplo, a de Carvalheira sobranceira a Manteigas (**3**: 143) e a da Serra de Nogueira (**3**: 11) então «couverte de quelques chênes rabougris» que os Serviços Florestais, em nossos dias, conseguiram transformar num extenso e frondoso carvalhal onde se encontram algumas das mais belas e notáveis plantas da nossa flora que, doutro modo, já teriam desaparecido talvez.

*Quercus Robur* L.

— «Chênes d'Allemagne». *Voyage*, **1**: 395, 425.
Porto, margens do Douro; Coimbra.

Esta parece ser a única citação que, sem dúvida, pertence ao roble. Mas, como disse, a maior parte das alusões a carvalhos, com excepção das que respeitam a montanhas de condição mais continental e elevado número de dias de neve, devem ser de atribuir a *Q. Robur*.

Vale a pena dar um exemplo, importante pelo que nos mostra o que então era a paisagem minhota: «Les vallées de la province du Minho sont couvertes de forêts de chênes continuelles. Ensuite parait la région des forêts de châtaigniers, les véritables forêts de ce pays, ...».



*Quercus rotundifolia* Lam.

— *Q. Ballota* Desf., *Q. «Bellote»* Desf., «Chêne toujours verd» (ou: vert), «Chêne verd», azinheira (port.). *Voyage*, **1**: 190-1, **2**: 112, 116, 171, 178, 179, **3**: 261, 301.
Portalegre, entre Arraiolos e Montemor-o-Novo, entre Montemor-o-Novo e Évora, Évora, Porta de Lama (a sul de Águas de Moura), Serpa.

É interessante a observação de só terem começado a ver a azinheira adiante de Águas de Moura, quando viajavam de Lisboa para o Algarve, árvore de que teriam ocasião de observar belos montados no Alentejo, como aqueles que citam de Serpa.

Ainda que não tenha usado a nomenclatura correcta, o certo é que, como o julgam, devem ter sido os primeiros botânicos a estudar a azinheira peninsular e a mostrar que ela não é a *Q. Ilex* L. do Mediterrâneo, com suas folhas oleiformes-lanceoladas, e de frutos amargos, mas sim a espécie norte-africana, de folhas rotundas, mais convexas, e frutos (mais frequentemente) doces, comestíveis, conforme Desfontaines, aliás, supunha. Mas, por estranho que possa parecer, esta destrinça, quer a nível específico, quer a nível subespecífico, só nas últimas décadas viria a reflectir-se nas floras e a ser geralmente aceite.

*Quercus Suber* L.

— Arbre à liège, liège, bois de liège, sovereira (port.). *Voyage*, **1**: 187, 209, 325, **2**: 5, 36, 96, 111-2, 115, **3**: 78, 325.
Andar inferior. Caminha, margem do Rio Minho; Amarante; Braga; Tomar: Cabaços; entre Elvas e Estremoz; entre Almada e Águas de Moura e daqui a Vale dos Reis.

Link nota que o sobreiro é muito menos abundante em Espanha. Mas parece-lhe que em Portugal se explora menos a cortiça do que no Sudoeste Francês (**2**:111-2). Portugal não seria então ainda o grande produtor que hoje é.

ACADEMIA SCIENTIARUM LUSITANA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Ranunculus bullatus* L.

— Renoncule odoriférant, *R. bullatus. Voyage*, **1**: 245, **3**: 184.
Midi du Portugal.

Das espécies de *Ranunculus* da nossa flora só *R. bullatus* floresce depois das chuvas de Novembro e Dezembro, como aponta Link. Daí o seu nome popular de montã-de-outono.

*Rhinanthus minor* L.

— *Rhinanthus Crista-galli*, crête de coq. *Voyage*, **3**: 35.
Bragança, nos prados.

Foi comunicado a Brotero (1804) por Hoffmansegg.

*Rhododendron ponticum* L. ssp. *baeticum* (Bss. & Reut.) Hand.-Mazz.

— *Rhododendron ponticum. Voyage*, **2**: 122.
Monchique: Serra da Foia.

«... le beau *Rhododendron ponticum*, le plus charmant arbuste de l'Europe ...» que os botânicos alemães foram os primeiros a encontrar em Portugal, está omisso nas floras de Brotero, não obstante a tradução francesa da *Reise* ter sido publicada um ano antes que a *Flora Lusitanica* e a descoberta datar da Primavera de 1799! Estranhamente ela não foi comunicada ao nosso botânico, como tantas outras o foram. Mariz, a que se deve um documentado estudo sobre esta preciosa Ericácea (1901), não nos esclarece sobre este ponto.

*Rhus Coriaria* L.

— *Rhus Coriaria*, sumagre. *Voyage*, **2**: 70, 71.
Lamego, Trás-os-Montes, Alto Douro, espontâneo e cultivado.

Ainda hoje lá está na estrada da Régua, donde Brotero (1804) o tem, e talvez com razão, como apenas subespontâneo.

*Ricinus communis* L.

— Ricin, *Ricinus communis. Voyage*, **3**: 82.

É interessante verificar que esta preciosa planta já há dois séculos era considerada como subespontânea.



*Rosa* sp. (*R. sempervirens* L.?)

— Rose champêtre. *Voyage*, **3**: 243.
Entre Vila Franca de Xira e Alenquer, nas moitas à beira do caminho.

Uma determinação correcta é impossível. Avento *R. sempervirens* L. por ser comum nos arredores de Lisboa.

*Rosmarinus officinalis* L.

— Romarin. *Voyage*, **1**: 196.
Landes das Baixas do Sorraia.

*Ruppia maritima* L.

Rio Maior, na fonte de águas salinas. *Voyage*, **3**: 247.

Brotero (1804) cita-a apenas para a mesma localidade e hábitat, sem indicar que lhe tivesse sido comunicada por Link ou Hoffmansegg.

Colheitas realizadas recentemente pelo Dr. Jorge Paiva confirmam a existência, ali, desta espécie.

*Sambucus nigra* L.

— Sureaux. *Voyage*, **2**: 62.
Douro Superior.

Alusão à ordem de abater os sabugueiros em volta do Douro Superior.

*Salix* spp.

— Saules, Osiers. *Voyage*, **1**: 239, 350, **3**: 9, 81, 233.
Rio Rabaçal (entre Chaves e Vinhais), Valença (margem do Minho), Torres Vedras (rio Sizandro), Lisboa (raros vimeiros).

*Salsola Soda* L.

— *Salsola Soda & sativa*, soude, barrilha («barilla», «barilha»). *Voyage*, **1**: 337-8, **3**: 256.
Setúbal.

Alude à possibilidade da cultura desta espécie, abundante em Setúbal, para a produção de soda para a indústria, e dali já exportada para a Marinha Grande.



ACADEMIA SCIENT LUSITANA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Saxifraga continentalis* (Engler & Irmscher) D. A. Webb

— Saxifraga hypnoïde. *Voyage*, **3**: 31.
Carviçais.

Planta vulgar no Norte, onde, como bem observa Link, é elemento peculiar da vegetação rupícola.

*Scabiosa (stellata* L.?)

— Scabieuse. *Voyage*, **3**: 293.
Beja.

É verosímil que se trate desta espécie, comum nos solos argilo-calcários do Baixo Alentejo, cujos capítulos frutíferos esféricos, de grandes limbos escariosos, a tornam conspícuo elemento decorativo de campos e olivais, que não podia deixar de impressionar Link.

*Scilla hyacinthoides* L.

Lisboa: vale de Alcântara. *Voyage*, **1**: 234.

É uma planta que já Welwitsch, há bem mais de um século considerou raríssima na localidade indicada por Link e que em Brotero (1804) apenas daí é citada.

Até hoje só foi herborizada em não mais de oito locais, segundo os dados que consegui reunir. Assim, esta bonita Liliácea mediterrânica requer adequadas medidas de protecção, nomeadamente a manutenção em cultura nos nossos jardins botânicos e o desencorajamento da colheita para fins ornamentais, que acontece em Coimbra (Rosette Fernandes, 1956).

Entre Monchique e Sagres viu diversas belas espécies de «jacynthes» (*Scilla* spp.?, *Bellevalia Hackelii* Freyn?, *Muscari* spp.?) (**2**: 127).

*Scorzonera fistulosa* Hoffmansegg ex Brot.

— «Scorzonère d'une forme singulière et que n'a pas encore été décrite». *Voyage*, **3**: 138.
Entre Figueira da Foz e Mira, nos pântanos.

Brotero (1804) esclarece que a nova espécie lhe foi comunicada pelo Conde de Hoffmansegg e portanto, conforme Rothmaler (1940a), tal facto deve ser expresso na autoria do binome específico (quando se



não opte, como infelizmente alguns autores agora preferem, por referir apenas a indicação do autor que fez a publicação).

Trata-se de uma das mais notáveis plantas da nossa flora, raríssima e requerendo total protecção, a qual, como aliás na maioria dos casos, se deve traduzir de preferência na protecção do seu hábitat.

É uma endémica luso-bética.

A propósito, esclareça-se que a localidade dada por Pereira Coutinho (1939), além da clássica, não é Algezur, mas sim Algeruz, nos arredores de Setúbal, onde a planta foi descoberta por Luisier (1902). Só o deficiente conhecimento da bibliografia à nossa flora pertinente pode explicar que erro tão grosseiro tenha persistido até hoje!

*Scutellaria minor* Huds.

Minho e parte da Beira. *Voyage*, **3**: 327.

É citada como exemplo de espécies atlânticas («plantes d'Angleterre occidentale») próprias dos sítios mais frios dos vales sombrios e húmidos do Minho e de parte da Beira.

*Securinega tinctoria* (L.) Rothm.

— «... une espèce d'épine (*Rhamnus*) dont on a fait mention nulle part». *Voyage*, **2**: 166.
Algarve: Entre Castro Marim e a Ribeira de Odeleite, nas sebes e nos ribeiros, com loendros.

Este arbusto, que Link reputava inédito, foi pelo botânico alemão comunicado a Brotero que o atribuiu (1804), com dúvida, a *Rhamnus buxifolius*, uma espécie estabelecida por Poiret com a qual a planta portuguesa andou confundida até que Rothmaler (1940) provou a sua verdadeira identidade.

*Senecio Lagascanus* DC. ssp. *lusitanicus* (P. Cout.) Pinto da Silva, *n. comb.*
— *S. Doronicum* (L.) L. ssp. *lusitanicus* P. Cout., *Fl. Port.*: 641 (1913).

— «une espèce de *Senecio*». *Voyage*, **3**: 246.
Serra de Montejunto, no cimo.

Colocado primeiro em *S. Doronicum* por Brotero (1804), que o refere do mesmo local, foi depois considerado como uma subespécie dele por Pereira Coutinho (*l.c.*) e como uma simples variedade por Sampaio — var.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Lagascanus* (DC.) Sampaio, *Lista*: 134. 1913. A aproximação que se admite na *Flora Europaea* (1976) com este taxon já há muito tinha sido aceite pelo grande botânico portuense como se verifica. Julgo que o tratamento que proponho é o mais adequado para o endemismo português cuja localidade clássica corresponde à que vem citada no *Voyage*. Medidas de protecção são plenamente justificadas já que só dali, de Buarcos e do Cabo Mondego se conhece.

*Senecio pyrenaicus* L. ssp. *cespitosus* (Hoffgg. ex Brot.) Franco

— «une nouvelle espèce de *Senecio*, nommée par les habitans *herva-loira* (l'herbe blonde)». *Voyage*, **3**: 146.
Serra da Estrela, «derrière l'amas de rochers Cimadouro dos Cães, et vers la vallée Covão das Vacas».

Em face do carácter fitogeográfico do *S. pyrenaicum*, no âmbito que lhe é atribuído na *Flora Europaea*, parece-me mais adequado considerar a planta hermínica a nível subespecífico, como bem recentemente fez Amaral Franco (1984).

Trata-se de mais um endemismo que, em meu parecer, deve ser estritamente protegido (talvez sobretudo dos botânicos estrangeiros que continuam a ter livre acesso à flora de todos os nossos territórios, sem deparar com legislação e executores dela, competentes e zelosos, que os impeçam!).

*Sibthorpia europaea* L.

Coimbra, nos rochedos e muros das montanhas xistosas; vales sombrios e húmidos do Minho e de parte da Beira. *Voyage*, **1**: 403, **3**: 327.

É referida como exemplo das plantas próprias de Entre Minho e Douro e de espécie atlântica («de l'Angleterre occidentale»).

*Silene* sp. (prob. *S. elegans* Lk. ex Brot.)

— «Une belle *Silene*, qui n'a pas encore été décrite, nous charma singulièrement». *Voyage*, **2**: 85.
Entre Lagoa Redonda e Cântaros.

Não consegui elementos que permitissem uma identificação segura. Outra hipótese seria *S. macrorhiza* Gay & Dur. ex Lacaita, endemismo de área mais ampla que abrange as montanhas do noroeste da Espanha.



O nome escolhido (*elegans*) poderia traduzir o adjectivo usado no *Voyage* para a planta que confessadamente encantou os botânicos teutónicos ...

*Sorbus Aria* (L.) Crantz

— *Crataegus Aria*, Arbre à farine. *Voyage*, **2**: 32.
Serra do Gerês.

Brotero (1804), assim como modernamente Pereira Coutinho (1939) e Sampaio (1947), cita, sem reservas, esta Rosácea do Gerês. Sampaio (*l.c.*) também da Estrela. Em 1948 foi encontrada próximo de Abelheirinha, na margem do Rio Homem (Pinto da Silva & Sobrinho, coord., 1951-3). Porém, incompreensivelmente, a *Flora Europaea* e Amaral Franco (1971) não a mencionam para Portugal.

*Sorbus Aucuparia* L.

— *S. Aucuparia*; sorbier; cormier. *Voyage*, **2**: 22, 82, **3**: 324.
«Sur les sommités les plus élevées ... sur les rochers le cormier»; Serra do Gerês, vers le sommet; Serra da Estrela: Sabugueiro.

Deve ter havido um lapso de tradução pois, segundo Gillet & Magne (1887), «cormier» é *Sorbus domestica* L., árvore muito rara entre nós, mesmo quando cultivada, a que não corresponde o hábitat indicado por Link.

*Spartina maritima* (Curtis) Fernald

— *Dactylis stricta* Ait., Murraça. *Voyage*, **2**: 151.
Tavira, caminho ao longo do rio, nos salgados («marais salans»), onde é aproveitada como forragem.

*Spartium junceum* L.

— Genêt. *Voyage*, **1**: 189.
Entre Estremoz e Arraiolos.

Conforme Gillet e Magne (1887), o nome «genêt» aplica-se a espécies de *Genista* e, inapropriadamente, dizem, dá-se o nome de «genêt d'Espagne» ao *Spartium junceum* L. Dada a ocorrência deste na área indicada presumo que «genêt» tenha sido aplicado a esta espécie.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Stipa tenacissima* L.

— Espart, *S. tenacissima. Voyage*, **2**: 131-2.
Sagres.

Ainda há quarenta anos o esparto continuava a ser aproveitado para a empreita pelos pastores do Promontório de São Vicente. Ignoro se o será ainda hoje.

*Taeniatherum Caput-Medusae* (L.) Nevski

— *Elymus Caput-Medusae*, élyme tête de Méduse. *Voyage*, **3**: 35.
Bragança.

Link recorda que esta Gramínea já fora citada por Tournefort que a supunha exclusiva de Portugal. Em Bragança é, na verdade, muito abundante, dominando nas pastagens que vegetam em solo serpentinoso (Pinto da Silva, 1970).

*Taxus baccata* L.

— If. *Voyage*, **2**: 22.
Serra do Gerês, na parte superior.

Em 1948 ainda existia numa pequena área entre Curral de Vidoal e Borrageira (Pinto da Silva & Sobrinho, coord., 1951-3).

*Thymus* spp.

— «Thim». *Voyage*, **3**: 327.
Nas montanhas calcárias, elevadas.

Não obstante a riqueza da nossa flora em *Thymus*, surpreende que só esta referência lhe seja feita por Link.

*Trametes pini* (Thore) Fries

— *Boletus piniperda* Hoffgg. & Link (ou Link?), n. nud. *Voyage*, **3**: 258.
Pinhal de Leiria, em *Pinus Pinaster*.

Este fungo estaria a causar então grandes danos nos pinheiros-bravos do grande pinhal dionisiano.

Sousa da Câmara (1956) identifica a planta de Link com a espécie em epígrafe. Brotero (1804) dá-a como *Boletus Pini*.



*Trifolium* spp.

— «... jusqu'à quinze espéces de trèfle comum des prés».
*Voyage*, **1**: 234, **3**: 173.
Lisboa: Alcântara, numa pequena colina, em basalto.

*Trifolium incarnatum* L.

— Trèfle (*Trifolium incarnatum*). *Voyage*, **1**: 330.
Serra da Arrábida: Calhariz, cultivado.

Teria sido introduzido de Itália por D. Alexandre de Sousa. Hoje ainda se cultiva e encontra-se, por vezes, subespontâneo, como vi nas terras do Baixo Mondego e em Monchique.

*Ulmus* spp. (*U. minor* Mill., *U. procera* Salisb.)

— Ormes, plantations d'ormes. *Voyage*, **1**: 239, **3**: 34, 39, 233.
Vimioso, Freixo de Espada-Cinta, Torres Vedras, Lisboa.

Os ulmeiros, que orlam os prados (*Ulmus procera*, sempre?) e adquirem hábito colunar em consequência de a sua ramagem ser cortada como recurso forrageiro estival, são uma característica na paisagem nordestina.

Na Estremadura, as estradas foram outrora, arborizadas com ulmeiros (*U. minor*, sempre?). Hoje, a doença e a renovação das estradas fez quase desaparecer estas belas árvores.

*Urtica membranacea* Poir.

— *U. caudata* Vahl. *Voyage*, **3**: 326.

É referida por Link somente para exemplificar que, à simples vista, poderia tomar-se por uma espécie do norte da Europa, neste caso «l'ortie commune» (*U. dioica*?), que aliás existe também em Portugal mas sobretudo nas províncias setentrionais cuja flora tem menor influência mediterrânica.

*Vaccinium Myrtyllus* L.

— Airelles, myrtilles. *Voyage*, **2**: 22, **3**: 85.
Alcobaça (Castro Laboreiro); Portela do Homem (Serra do Gerês).

Abundantes seriam os arandos na Portela do Homem, como testemunha Link, mas desconhecidos de Portugal não o eram pois Cristóvão

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

dos Reis já da Serra os cita a páginas 300 das suas *Reflexões Experimentaes Methodico-Botanicas* dadas a lume em 1779, dezanove anos antes dos viajantes germânicos.

*Viburnum Tinus* L.

— *V. Tinus*, tinus. *Voyage*, **1**: 327-8, **3**: 70, 98, 226, 235, 328.
Serra do Gerês, Serra do Buçaco, Caldas da Rainha (cultivado), Serra da Arrábida, Aldeia dos Mouros (Azeitão), nas encostas umbrosas das montanhas, sobretudo as graníticas.

A estatura arbórea do folhado na Serra da Arrábida surpreendeu o autor do *Voyage*, mas não assim a ocorrência deste belo arbusto na base das encostas geresinas, a sublinhar aí a influência mediterrânica no carácter fitogeográfico da nossa flora e da nossa vegetação, até mesmo na Serra do Gerês!

*Viola arborescens* L.

— *V. arborescens*. *Voyage*, **2**: 130.
Cabo de São Vicente.

Ainda hoje é a única localidade portuguesa desta espécie que Brotero (1804) cita apenas por comunicação de Hoffmansegg. Tal localidade, isolada, de uma espécie ocidental-mediterrânica justifica medidas de protecção estrita, tanto mais que no Promontório Sacro não é nada vulgar.

*Viola odorata* L.

— «Violettes odoriférantes». *Voyage*, **2**: 122.
Monchique: Serra de Foja, nos soutos de castanheiros.

Esta *Viola*, que Amaral Franco (1971) indica apenas como planta cultivada, foi colhida por Welwitsch (LISU, P26365) na localidade e no hábitat apontados por Link, onde Welwitsch, aliás, também encontrou *V. Riviniana*, e, tal como indica Pereira Coutinho (1892), julgo que, sem dúvida, se deve identificar como *V. odorata*.



*Viola* sp. (*V. Riviniana* Rchb.?)

— «Violettes». *Voyage*, **3**: 64.
Campeã (Serra do Marão) «le bord de la route ... était orné de violettes ...».

Trata-se, verosimilmente, de *V. Riviniana*, espécie encontrada no carvalhal de *Quercus pyrenaica* (*Holco-Quercetum pyrenaicae* Br.-Bl., Pinto da Silva & Rozeira, 1956) estudado no vale da Campeã, a 850 metros de altitude. É talvez a *Viola* perene mais comum em Portugal.

*Vitis vinifera* L. an ssp. *sylvestris* (C. C. Gmelin) Hegi?

— «Ceps de la vigne sauvage». *Voyage*, **3**: 31, 33.
Carviçais, vale do Sabor; Brunhoso (Mogadouro), margem do Sabor.

Link não põe qualquer reserva ao indigenato da videira selvagem. Refere cepas grossas de uns 16 cm de diâmetro e altas de uns 17 metros, trepando às árvores mais grossas da espessa floresta que ainda encontrou ao ir de Moncorvo para Mogadouro. De Monchique refere Welwitsch, em nota manuscrita no exemplar da *Flora Lusitanica* que lhe pertenceu, tê-la visto «spontanea & indigena» associada ao *Rhododendron ponticum baeticum*. E eu, entre outros lugares, encontrei-a, de estatura semelhante e trepando a grandes sobreiros, ao subir à Picota (Monchique) e nas proximidades das Caldas.

Brotero (1804) não a dá nem como espontânea nem mesmo como subespontânea; Pereira Coutinho (1939) admite que possa ocorrer duma forma ou doutra; Sampaio (1947) indica-a como podendo ser subespontânea; Amaral Franco (1971) só aceita que possa encontrar-se como fugida da cultura. Em suma, é difícil, senão impossível, hoje, saber se a videira é planta da nossa flora ou não. De qualquer forma, o testemunho de Link parece-me dos mais valiosos até hoje recolhidos, por se tratar de localidades muito isoladas e pouco influenciadas pela agricultura.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

## RESUMO

### A flora no *Voyage en Portugal* de Link

Porque apenas se conheciam referências isoladas em textos relativos ao estudo da flora portuguesa, julgou-se útil estabelecer uma lista alfabética de todas as plantas, espontâneas e adventícias, encontradas pelo Conde de Hoffmansegg e pelo Prof. Link desde o seu ingresso no nosso País, na Primavera de 1798, e referidas no *Voyage en Portugal* por um nome científico, ou por um ou mais nomes vernáculos franceses ou portugueses.

Na lista utilizou-se o nome botânico considerado como o correcto, figurando em sinonímia os do texto Linkiano, seguidos da indicação dos volumes e páginas onde constam, e dos nomes das localidades donde o taxon é citado. Segue-se o comentário que se afigurou adequado.

Se o carácter literário do *Voyage* justifica não ser de esperar uma contribuição botânica intencional e metódica, o certo é que se encontra nessa obra, sob vários aspectos, um considerável conteúdo de interesse para o conhecimento da flora portuguesa, e para a história da investigação dela, embora o reduzido número de entidades taxonómicas que nela são referidas. Conclui-se da análise da lista os resultados que a seguir se enunciam:

1. Não há matéria de interesse nomenclatural efectivo mas sim achegas de carácter histórico para o estabelecimento de alguns taxa.
2. Testemunho de pertencerem à nossa flora como plantas espontâneas, cuja espontaneidade foi ulteriormente negada ou contestada: *Mesembryanthemum nodiflorum* L., *Ornithogalum arabicum* L., *Potentilla rupestris* L., *Sorbus Aria* (L.) Crantz, *Viola odorata* L., *Vitis vinifera* L. ssp. *sylvestris* (C. C. Gmel.) Hegi.
3. Espécies novas para a flora portuguesa que todavia Brotero não incluiu nas suas obras: *Nigella hispanica* L., *Rhododendron ponticum* L.
4. Plantas mal identificadas ou mal interpretadas: *Acer campestre* L. por *A. monspessulanum* L., *Agave* sp. nov. (non nominata) por *Furcraea foetida* (L.) Haw., *Alopecurus pratensis* L. por *A. brachystachyus* Bieb., *Anemone nemorosa* L. («anémone des bois») por *A. albida* Mariz, *Asphodelus ramosus* L. por *A. albus* Mill., *Astragalus Tragacantha* L. por *A. massiliensis* (Mill.) Lam., *Crocus nudiflorus* Sm. («nodiflorus») e *C. sativus* L. por *C. serotinus* Salisb., *Doronicum Pardalianches* L. por *D. carpetanum* Boiss. & Reut. ex Willk., *Iris juncea* Poir. por *I. lusitanica* Ker.-Gawler, *Juniperus Oxycedrus* L. por *J. navicularis* Gandoger, *Lithospermum fruticosum* L. por *Lithodora prostrata* (Lois.) Griseb., *Lolium perenne* L. por *L. multiflorum* Lam.
5. Espécies que já são dadas como adventícias: *Agave americana* L., *Myrica Faya* Ait. (em Sintra), *Opuntia Ficus-indica* (L.) Mill., *Punica granatum* L., *Ricinus communis* L.



6. Espécies indicadas como cultivadas mas não ainda como adventícias: *Cupressus lusitanica* Mill., *Furcraea foetida* (L.) Haw., *Phytolacca americana* L.
7. Espécies não cientificamente denominadas às quais Brotero não faz referência: *Anthemis Triumfetti* (L.) DC. fo. *flosculosa* (Briq. & Cavill.) R. Fernandes («Anacycle», sem indicação de ser um novo taxon), *Murbeckiella Boryi* (Boiss.) Rothm. (*Cardamine* sp. nov.).
8. Homónimos Broterianos, ulteriores mas legítimos, de nomes invalidamente publicados no *Voyage* (*nomina nuda*) que Brotero não indica terem-lhe sido comunicados por qualquer dos botânicos alemães: *Cistus verticillatus* Brot. /*Halimium verticillatum* (Brot.) Sennen/, *Ornithopus sativus* Brot.
9. Espécies cujas localidades indicadas por Brotero (1804) já o são no *Voyage*, mas, não obstante, o nosso botânico não indica que lhe tenham sido comunicadas pelos botânicos alemães: *Acer monspessulanum* L. (ut *A. campestre* L.), *Allium nigrum* L. (ut *A. speciosum*), *Anagyris foetida* L. (de Tavira), *Halimium alyssoides* (Lam.) C. Koch (do Gerês) (ut *Cistus scabrosus* Ait. et *C. Cheiranthoides* Lam.), *Lychnis Flos-cuculi* L. (de Alcobaça), *Ornithogalum arabicum* L., *Pistacia Terebinthus* L., *Ruppia maritima* L., *Scilla hyacinthoides* L., *Senecio Lagascanus* DC. ssp. *lusitanicus* (P. Cout.) Pinto da Silva /ut *Senecio Doronicum* (L.) L./.
10. Espécies que Brotero indica terem-lhe sido comunicadas: *Aphyllanthes monspeliensis* L., *Frankenia pulverulenta* L., *Hieracium umbellatum* L., *Isatis platyloba* Link (1806) (ut *I. lusitanica* L.), *Loeflingia hispanica* L., *Potentilla rupestris* L., *Rhinanthus minor* L. (ut *Rh. Crista galli* L.), *Scorzonera fistulosa* Hoffgg. ex Brotero, *Securinega tinctoria* (L.) Rothm. (ut *Rhamnus buxifolius*?), *Senecio pyrenaicus* L. ssp. *cespitosus* (Hoffgg. ex Brot.) Franco (ut *S. cespitosus* Hoffgg. ex Brot.), *Viola arborescens* L. Todas, excepto a *Securinega* por Hoffmansegg.
11. Nomes vernáculos mal aplicados: «chiendent» /*Cynodon Dactylon* (L.) Pers., *Agropyron* spp./ para *Erythronium Dens-canis* L., «cormier» (*Sorbus domestica* L.) para *S. Aucuparia* L., «épine» (entra em vernáculos de plantas de famílias muito diversas, mas, aparentemente, em nenhum de Euphorbiaceae) para *Securinega tinctoria* (L.) Rothm., «houx» (*Ilex Aquifolium* L.) para *Chamaerops humilis* L., «sapin» para *Pinus*, «viorne» (*Viburnum Tinus* L.) para *Frangula Alnus* Mill. Também «fenouil» (*Foeniculum vulgare* Mill.) é erroneamente atribuído a *Setaria italica* (L.) Beauv. (*Voyage*, **2**: 35).
12. Nomes vernáculos que não foi possível confirmar: «algue d'Angleterre» para *Lolium perenne* L. (aliás *L. multiflorum* Lam.), «jonc d'Espagne» para *Arundo Donax* L., «mufflaude» para *Linaria amethystea* (Lam.) Hoffgg. & Link.
13. Referências de carácter corológico que têm, ao menos, interesse histórico no conhecimento da nossa flora.
14. Espécies para as quais a necessidade de adequadas medidas de protecção o testemunho de Link vem reforçar: *Anthemis Triumfetti* (L.) DC. fo. *flosculosa*

(Briq. & Cavill.) R. Fernandes, *Aphyllanthes mospeliensis* L., *Gentiana lutea* L., *Isatis platyloba* Link, *Potentilla rupestris* L., *Scilla hyacinthoides* L., *Scorzonera fistulosa* Hoffgg. ex Brot., *Securinega tinctoria* (L.) Rothm., *Senecio Lagascanus* DC. ssp. *lusitanicus* (P. Cout.) Pinto da Silva, *Senecio pyrenaicus* L. *ssp. cespitosus* (Hoffgg. ex Brot.) Franco, *Sorbus Aria* L., *Taxus baccata* L., *Viola arborescens* L., *Vitis vinifera* L. ssp. *sylvestris* (C. C. Gmel.) Hegi.



## BIBLIOGRAFIA

AMARAL FRANCO, J. do, *Nova flora de Portugal,* **1**. *Lycopodiaceae — Umbelliferae.* Soc. Astória, Lda., Lisboa (1971).

——, *Nova flora de Portugal,* **2**. *Clethraceae — Compositae.* Soc. Astória, Lda., Lisboa (1984).

BRAUN-BLANQUET, J., PINTO DA SILVA, A. R. et ROZEIRA, A., Résultats de deux excursions géobotaniques à travers le Portugal septentrional et moyen. II — Chênaies à feuilles caduques (*Quercion occidentale*) et chênaies à feuilles persistantes (*Quercion fagineae*) au Portugal, *Agron. Lusit.*, **18**, 167-235 (1956).

——, III — Landes à cistes et éricacées (*Cisto-Lavanduletea* et *Calluno-Ulicetea*), *Agron. Lusit.*, **23**, 229-313 (1964).

BROTERO, F. A., *Flora lusitanica,* 2 vols., Typographia Regia, Lisboa (1804).

CARVALHO E VASCONCELLOS, J. de, e AMARAL FRANCO, J. do, Carvalhos de Portugal, *An. Inst. Sup. Agron.*, **21**, 1-135 (1954).

FERNANDES, A. et FRANÇA, Filomena, Le genre *Colchicum* L. au Portugal, *Bol. Soc. Brot.*, 2.ª sér. **51**, 5-36 (1977).

FERNANDES, Rosette, Notas sobre a flora de Portugal, VI, *Bol. Soc. Brot.*, 2.ª sér. **30**, 121-139 (1956).

——, Notas sobre a flora de Portugal, VII, *Bol. Soc. Brot.*, 2.ª sér. **31**, 183-217 (1957).

——, Novitates et notulae systematicae et nomenclaturales ad florae lusitanicae, azoricae et madeirensis pertinentes, *Anu. Soc. Brot.*, **38**, 61-64 (1972).

FICALHO, Conde de, e PEREIRA COUTINHO, A. X., Rosaceas de Portugal, *Bol. Soc. Brot.*, **16**, 88-143 (1899).

FOURNIER, P., *Les quatre flores de la France.* Lechevalier S.A.R.L., Paris (1977).

GILLET et MAGNE, J.-H., *Nouvelle flore française.* Garnier Frères, Libr. Édit., Paris (1887).

HOFFMANSEGG, J. C. von et LINK, H. F., *Flore portugaise,* 2 vols., Impremerie de Charles Fréderic Amelang, Berlin (1809-1840).

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

JALAS, J. and SUOMINEN, J. (eds.), *Atlas florae Europaeae*, **5**. Chenopodiaceae to Basellaceae. Helsingin Liik ekirjapaino Oy, Helsinki (1980).

LAMARCK, J. B. A. P. M. de, *Encyclopédie méthodique. Botanique*, **4**. H. Agasse, Paris (1797-8).

LINK, H. F., *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreise, Spanien, und Portugal*, 3 vols., Kiel (1801-1804).

——, *Voyage en Portugal, depuis 1797 jusqu'en 1799*, 2 vols., Levrault, Schoell & Cie, Paris (1803).

——, *Voyage en Portugal par M. le Comte de Hoffmansegg*, Levrault, Schoell & Cie, Paris (1805).

LUISIER, A., Apontamentos sobre a flora da região de Setúbal, *Bol. Soc. Brot.*, **19**, 172-274 (1902).

MARIZ, J. de, Subsidios para o estudo da flora portugueza. *Papilionaceae* L., *Bol. Soc. Brot.*, **2**, 58-123 (1884).

——, Subsidios para o estudo da flora portugueza, III — *Ranunculaceae* Juss. *Bol. Soc. Brot.*, **4**, 81-112 (1886).

——, Subsidios para o estudo da flora portugueza, V — Ordo *Succulentarum*, *Bol. Soc. Brot.*, **6**, 16-44 (1888).

——, Subsidios para o estudo da flora portugueza, *Compositae* L., *Bol. Soc. Brot.*, **9**, 144-244 (1891).

——, Subsidios para o estudo da flora portugueza, *Caprifoliaceas, Vacciniaceas e Ericineas, Bol. Soc. Brot.*, **18**, 80-125 (1901).

MENEZES DE SEQUEIRA, E., Ripe and distilled carobs. Some trials to determine their nutritive value, *Portug. Acta Biol.*, sér. A, **16**, 253-266 (1980).

MERINO, B., *Flora descriptiva é ilustrada da Galicia*, **1**. *Fanerógamas — Polipétalas*. Tip. Galaica, Santiago (1905).

PEREIRA, C. L., A flora da Bacia do Minho, *An. Fac. Ciên. Porto*, **17**, 130-162; 204-239 (1932).

PEREIRA COUTINHO, A. X., As Juncaceas de Portugal, *Bol. Soc. Brot.*, **8**, 72-127 (1890).

——, Contribuições para o estudo da flora portugueza, *Bol. Soc. Brot.*, **10**, 20-90 (1892).



PEREIRA COUTINHO, A. X., Contribuições para o estudo da flora portugueza, *Bol. Soc. Brot.*, **12**, 3-34 (1895).

——, *Flora de Portugal* (*Plantas Vasculares*), 2.ª ed., Bertrand (Irmãos), Lda., Lisboa (1939).

PINTO DA SILVA, A. R., A flora e a vegetação das áreas ultrabásicas do Nordeste Transmontano. Subsídios para o seu estudo, *Agron. Lusit.*, **30**, 175-363 (1970).

——, *Anthemis Trimfetti* (L.) DC. fo. *flosculosa* (Briq. & Cavill.) R. Fernandes. *Agron. Lusit.*, **40** (*De Flora Lusit. Comment.*, **22**), 35 (1980).

PINTO DA SILVA, A. R. e GONÇALVES SOBRINHO, L. (coord.), Flora vascular da Serra do Gerês, *Agron. Lusit.*, **12**, 233-380 (1951).

RAINHA, B. V., *Merendera Bulbocodium* Ram. *Agron. Lusit.*, **29** (*De Flora Lusit. Comment.*, **17**), 7 (1968).

REIS, Fr. Christovão dos, *Reflexões experimentaes methodico-botanicas*. Regia Officina Typografica, Lisboa (1779).

ROTHMALER, W., Nomenklatorisches meist aus dem westlichen Mittelmeergebiet, I, *Feddes Repert.* **49**, 51-56 (1940a).

——, Sobre algumas plantas críticas, *Brotéria*, sér. Ci. Nat. **9**, 5-17 (1940b).

ROZEIRA, A., A flora da província de Trás-os-Montes e Alto Douro. Estudo de distribuição geográfica, *Mem. Soc. Brot.*, **3** (1944).

——, O género *Asphodelus* em Portugal, *An. Fac. Ciên. Porto*, **38**, 266-274 (1956).

SAMPAIO, G., Um passeio botanico ao Torrão, *Bol. Soc. Brot.*, **18**, 47-79 (1901).

——, *Manual da flora portugueza*, Porto (1909-14).

——, *Lista das espécies representadas no Herbário Português*. Gabinete de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto, Porto (1913).

——, Apontamentos sobre a flora portuguesa, *Bol. Soc. Brot.*, 2.ª sér., **1**, 124-134 (1922).

——, *Flora portuguesa*, 2.ª ed., Imprensa Moderna, Lda., Porto (1947).

SOUSA DA CÂMARA, M., *Catalogus systematicus Fungorum omnium Lusitaniae*, 1 — *Basidiomycetes*, Pars 1 — *Hymenomycetes*. Lisboa (1956).

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

TABORDA DE MORAIS, A., Notas sobre a flora portuguesa, *Bol. Soc. Brot.*, 2.ª sér., **11**, 153-168 (1936).

TELES, A. N., Os lameiros de montanha do Norte de Portugal. Subsídios para a sua caracterização fitossociológica e química, *Agron. Lusit.*, **31**, 5-132 (1970).

TUTIN, T. G. & al. (eds.), *Flora europaea*, **1-5**. Cambridge University Press, Cambridge (1964-1980).

# A ENTOMOLOGIA EM PORTUGAL ATÉ AOS FINS DO SÉCULO XIX

C. M. L. BAETA NEVES *

## SOMMAIRE

S'occupant de l'Entomologie en général, excluant par faute de temps toute référence sur les Territoires dits d'Outre-mer, l'auteur se limite au Continent et aux îles Adjacentes (Madeira et Açores) et commence pour considerer les insectes utiles cueillis (*Kermes* sp.) ou cultivés (*Bombyx mori* et *Apis mellifica*).

On passe après aux espèces plus nuisibles, celles des familles *Acridiidae* (*Dociostaurus maroccanus, Calliptamus italicus* et *Schistocerca gregaria*), et *Phylloxera vastratix, Icerya purchasi, Coccus hesperidum* et *Tortrix viridana*, avec aussi l'indication sommaire de quelques autres rapportées aussi bien à l'Entomologie agricole comme à l'Entomologie forestière.

Dans le cas de l'Entomologie médicale et vétérinaire on fait seulement une simples réference par manque d'élèments bibliografique à leurs propos, en conséquence de leur grand développement au début du XX siècle.

Relativement à l'inventaire de l'entomofaune en géneral l'auteur aprecie les informations obtenus à propos de la bibliographie respective, soit concernant le Continent soit les îles adjacentes, donnant une ideé de la façon de leur evolution et du niveau atteiné jusqu'à la fin du XIX siècle.

●

Entre as obrigações que cabem a um docente está em primeiro lugar a de transmitir aos seus alunos quanto saiba sobre a matéria a que se dedica, matéria sintetizada a partir do estudo prévio feito e da experiência adquirida, nomeadamente quando se dedique, de simultâneo, à investigação como igualmente lhe compete.

* Engenheiro Silvicultor, Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia (Lisboa).



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA